



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA (UNEB)
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS – CAMPUS III
COLEGIADO DE PEDAGOGIA

MEMORIAL DE PROJETO EXPERIMENTAL
A História da Professora Terezinha Elvira de Macêdo:
Trajetória e Marcas na Educação em Carnaíba do Sertão

Juazeiro – BA
2021



ANDERSON DIONISIO DOS SANTOS NETO

MEMORIAL DE PROJETO EXPERIMENTAL

**A História da Professora Terezinha Elvira de Macêdo:
Trajetória e Marcas na Educação em Carnaíba do Sertão**

Memorial de Projeto Experimental em cumprimento às exigências do curso de Pedagogia da Universidade do Estado da Bahia – UNEB, Departamento de Ciências Humanas – Campus III, no componente curricular Trabalho de Conclusão de Curso II.

Orientadora: Profa. Ma. Neuma de Sá Guedes

Juazeiro-BA

2021

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
por Regivaldo José da Silva/CRB-5-1169

S237h Santos Neto, Anderson Dionísio dos

A história da professora Terezinha Elvira de Macêdo: trajetória e marcas na educação em Carnaíba do Sertão / Anderson Dionísio dos Santos Neto. Juazeiro-BA, 2021.

74 fls.: il.

Orientador(a): Prof.^a Ms. Neuma de Sá Guedes.

Inclui Referências

TCC (Graduação – Pedagogia) – Universidade do Estado da Bahia.
Departamento de Ciências Humanas. Campus III. 2021.

1. Biografia – Terezinha Elvira de Macêdo. 2. Narrativa de vida - Biografia.
3. (Auto)biografia. I. Guedes, Neuma de Sá. II. Universidade do Estado da Bahia. Departamento de Ciências Humanas. III. Título.

CDD: 920

ANDERSON DIONISIO DOS SANTOS NETO

MEMORIAL DE PROJETO EXPERIMENTAL:

**A História da Professora Terezinha Elvira de Macêdo: Trajetória e
Marcas na Educação em Carnaíba do Sertão**

Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado à Universidade do
Estado da Bahia – UNEB/DCHIII como requisito parcial para a obtenção do título
de Graduação em Pedagogia.

Aprovado em: 12 de Julho de 2021.

BANCA EXAMINADORA



Orientadora: Profa. Ms. Neuma de Sá Guedes - UNEB



Profa. Dra. Cláudia Maísa Antunes - UNEB



Profa. Esp. Francisca de Assis Sá - UNEB

AGRADECIMENTOS

Com o coração transbordando de alegria, não poderia deixar de agradecer aos meus pais, meus familiares, amigos, colegas de turma, Carlinhos que durante muito tempo me atura.

Às pessoas que viram nascer, crescer e que de alguma forma me ajudaram a me tornar o que sou.

De modo muito especial, dedico este trabalho à professora Terezinha Elvira de Macêdo, que me permitiu adentrar à sua casa e conhecer sua trajetória de vida-formação-profissão.

Às entrevistadas, Terezinha Alves de Oliveira Duarte, Joelma de Carvalho Suares, Rosa Rebouças Ribeiro Fraga, Evilania Maria dos Santos Duarte, Máisa Medrado Dias dos Santos e Graciosa Xavier Ramos Gomes.

À minha orientadora professora Neuma de Sá Guedes, pela força, paciência e ensinamentos para que este trabalho pudesse ser concretizado.

Por fim, agradeço a Deus, santos, orixás e guias, que me mantêm de pé sempre que caio. A tudo e a todos sou eternamente grato!

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	7
I. DELINEAMENTO DOS REFERENCIAIS TEÓRICOS E METODÓGICOS: O CAMINAR DESTE PESQUISADOR INICIANTE	14
1.1 Memória, histórias de vida, autobiografias e formação.....	15
1.2 Pesquisa (auto)biográfica e a investigação-formação	21
1.3 Vídeo documentário: lembrar para não esquecer.....	26
II. OS FIOS DA MEMÓRIA NA TESSITURA DA HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO EM CARNAÍBA DO SERTÃO	31
2.1 Formação do Distrito Carnaíba do Sertão.....	31
2.2 Primeiros professores e o legado educativo.....	33
III. UMA HISTÓRIA DE VIDA-FORMAÇÃO-PROFISSÃO TECIDA A VÁRIAS MÃOS.....	40
3.1 As narrativas e a reconstrução de itinerários de vida e formação.....	41
3.2 A (auto)biografia da Professora Terezinha Elvira de Macêdo.....	48
CONCLUSÃO.....	62
REFERÊNCIAS.....	66
APÊNDICES.....	69

INTRODUÇÃO

A vida só é possível reinventada. Anda o sol pelas campinas e passei a mão dourada pelas águas, pelas folhas. Ah! tudo bolhas. Mas a vida só é possível reinventada.

(CECÍLIA MEIRELES, 1979, p. 24)

Este relatório de pesquisa, que fundamentou a produção do vídeo documentário sobre a história de vida-formação-profissão da professora Terezinha Elvira de Macêdo, consiste em contextualizar e sistematizar o processo de investigação realizado por meio da abordagem (auto)biográfica utilizando, sobretudo, a entrevista narrativa, com o intuito de demonstrar o papel desempenhado por essa educadora em Carnaíba do Sertão, Distrito de Juazeiro-BA, e suas contribuições para a Educação desse lugar.

A inspiração para a realização deste Trabalho de Conclusão de Curso – TCC, na modalidade produto midiático, materializado em um vídeo documentário sobre a referida professora tem origem nas minhas relações sociais e afetivas com pessoas que conviveram e que ainda convivem com a grande educadora professora-gestora Terezinha, e também pela minha experiência pessoal de escrever o memorial autobiográfico sobre minha trajetória de escolarização. Daí, a minha opção por realizar este TCC fundamentado numa concepção de pesquisa em educação que compreende a importância do lugar que as experiências de vida ocupam na formação do professor, visto que evidências de histórias vividas no dia a dia desse profissional proporcionam o conhecimento de outros saberes, que estão no seu substrato e muitas vezes não são levados em conta e passam despercebidos.

Foi a partir da sala de aula, espaço privilegiado de reflexão e construção de memórias, que iniciei o processo de rememoração e registro escrito da minha trajetória de escolarização, transformando-a em um artefato pedagógico de grande valor na minha formação de pedagogo. Essa experiência teve início no 1º período do curso de Pedagogia quando a professora Neuma de Sá Guedes, por meio do componente curricular Pesquisa e Prática Pedagógica I – PPP I solicitou essa produção para trabalhar noções da pesquisa educacional, a partir de reflexões sobre

a própria história dos alunos iniciantes, os conduzindo a uma concepção de pesquisa que os coloca como sujeitos pesquisadores de suas próprias histórias de vida e formação, mas que também é a história da educação naquele contexto sócio-histórico no qual se encontram inseridos.

Assim, mergulhar no oceano da minha história de vida e da trajetória educacional, das vivências e de muitos aprendizados foi como viver tudo de novo, como destaca Ricoeur (2007):

Temos, assim acesso a acontecimentos reconstruídos para nós por outros que não nós. Portanto, é por seu lugar num conjunto que os outros definem. A sala de aula é, nesse aspecto, um lugar privilegiado de deslocamento de pontos de vista de memória. De modo geral, todo grupo atribui lugares. É desses que se guarda ou se forma memória. (RICOEUR, 2007, p.131)

Na ocasião, lembrei-me da Escolinha Disneylândia, localizada no Distrito Carnaíba do Sertão, onde estudei da alfabetização à 3ª série, de 1994 a 1997. Lá já ouvia falar da professora Terezinha, que nessa época desempenhava a função de diretora do Colégio Municipal Professora Graciosa e, dentre outras coisas, falavam das suas exigências quanto ao fardamento completo. Sem sapatos ninguém entrava, muito menos sem calça jeans, mesmo surrada e desgastada com o tempo era exigida para entrar na escola.

Na Escolinha Disneylândia, que era uma instituição privada, foram anos de muita alegria e aprendizado, as turmas eram compostas por, no máximo, dez alunos. Aprendi a ler com fluência na 2ª série, produzia cartas longas e alguns textos. Em 1998 a diretora da escola comunicou aos nossos pais que não ofereceria a 4ª série, ficamos muito tristes, porém, com uma certa alegria, pois a turma inteira sairia, e assim, não iria se separar.

Fui estudar na Escola Estadual Pedro Dias, o que estranhei foi o fato de que estava estudando em um outro prédio, o do Colégio Municipal Professora Graciosa Xavier Ramos Gomes, foi o meu primeiro contato com a professora Terezinha como diretora. Como recém chegado na rede pública de educação achei tudo muito grande, salas cheias, e os alunos do ginásio - atual séries finais do ensino fundamental - num frenesi só quando o sino tocava para mudar de professor, diferentemente da minha turma que tinha uma única professora, por se tratar do ensino fundamental - séries iniciais. Eu achava interessante e queria fazer o que os outros alunos faziam, mas lá estava a professora Terezinha, a diretora, aos gritos

nos mandando voltar para a sala, por não ser ainda o horário do recreio, e sim, apenas a troca de professores. Sempre temi a professora Terezinha, quando ela chegava na sala era porque alguma coisa de errado tinha acontecido, e o coração gelava pensando que eu fosse o culpado por tal ato, sem nenhuma razão eu pensava ser culpado por alguma coisa.

Foi essa experiência de escrever sobre minha trajetória educacional que trouxe a presença da professora Terezinha, seja por ter convivido com ela, ou por ouvir falar das experiências de outras pessoas que foram alunas dela, me permitindo voltar no tempo e refletir sobre quão maravilhosos, mas também doloridos foram os anos em que estive na educação básica e naquela escola. Maravilhosos por despertarem em mim a vontade de sempre procurar o porquê das coisas, mesmo que não encontrasse a resposta facilmente. Falava pouco por não ter segurança no emprego da norma culta da língua portuguesa. Fiz muitas amizades, vivi intensamente cada momento e me permiti experienciar cada um deles sem me esquivar. Momentos doloridos na escola não lembro de ter vivido, mas muitas vezes os levei de casa para a escola, e mesmo cheio de problemas por presenciar muita confusão em casa, principalmente por bebedeiras, jamais permiti que isso influenciasse a minha vida educacional, mas muitas vezes eram maiores que a minha vontade de impedi-los para que não interferissem negativamente na sala de aula.

Da 5ª série ao 2º ano do Ensino Médio estudei na mesma instituição escolar, no Colégio Municipal Professora Graciosa Xavier Ramos Gomes, o mesmo prédio da antiga 4ª série, e a figura da professora Terezinha, a diretora do Colégio, sempre foi muito presente na minha vida. Era muito interessante como todos os problemas da sala de aula se resolviam quando se falava: “vou chamar Terezinha”.

O cuidado com o patrimônio público era algo que ela trazia há muitos anos, ninguém podia riscar as mesas, a maioria tinha o tampo verde, nem tampouco passar corretivo nas cadeiras. Lembro-me dela não permitir que saíssemos cedo, caso algum professor faltasse, pedia ao professor que entraria na sala após o que faltou para passar uma atividade enquanto terminava a aula em outra sala para assumir a nossa. A revolta da turma era grande por não desfrutar do sair cedo e bater papo do lado de fora do Colégio. E caso o professor não aceitasse o pedido

de ficar com duas turmas ao mesmo tempo, esperávamos na sala, a aula do próximo horário.

A secretaria do Colégio era minúscula e tinha dois janelões um de cada lado, alguns alunos mais indisciplinados que não temiam castigo ou até mesmo suspensão, roubavam o sino e o tocava antes do horário estipulado da saída e quando ele soava todos os alunos das salas saíam de uma só vez. No dia seguinte tinha interrogatório para saber quem foi o causador da saída mais cedo dos alunos e quem furtou o sino do colégio.

A minha admiração pela professora Terezinha Elvira de Macêdo foi se ampliando no dia a dia daquele Colégio, nas rodas de conversas que quase sempre se referiam à educação, colégio, traquinagem, pular muro para “filar aula”, e nessas prosas o nome dela aparecia, seja como a que impunha limites ou pela forma de enfrentar os problemas que surgiam na escola, ou sobre as metodologias para ensinar, utilizadas quando ela foi professora primária, denominação atribuída a professores e professoras que ministravam aulas nas primeiras séries, ou seja, nas séries iniciais do ensino fundamental.

Não se pode esquecer o importante papel exercido pela professora Terezinha Elvira e os serviços prestados por ela à comunidade de Carnaíba do Sertão. Como mulher, professora, diretora que aplainou os caminhos daqueles que já estiveram ou que hoje estão em sala de aula e à frente do Colégio que, atualmente, é denominado de Escola Municipal Professora Graciosa Xavier Ramos Gomes ela merece nosso reconhecimento por todo esforço e por acreditar que dias melhores viriam. Em nenhum momento pensou em desistir, mesmo com as adversidades da vida que lhes foram impostas, com erros e acertos lecionou, assumiu a gestão do ensino, e também a gestão administrativa e pedagógica não apenas do referido Colégio, mas também de outras escolas municipais do Distrito Carnaíba do Sertão, como: Escola Osório Teles de Menezes, Pedro Dias e Amélia Borges.

Todo esse esforço de reunir fatos, acontecimentos, curiosidades e experiências rememoradas pela professora Terezinha e por ex-alunos e colegas de trabalho, resultou em um vídeo documentário que traz a sua história com seus percalços, mas principalmente a paixão pela educação dessa professora do interior, que jamais desistiu dos seus sonhos e, assim, pode contribuir com aquilo que tinha

de melhor, que era ensinar aos filhos dos outros, e esses tornarem-se multiplicadores, contribuindo para um mundo menos difícil.

É possível que o vídeo documentário guarde a memória de uma grande parte da história da educação de Carnaíba do Sertão, quiçá a mais importante, pois os frutos hoje colhidos, em grande medida, resultam do que fora plantado pela professora Terezinha Elvira de Macêdo, visto que de acordo com Bergamaschi & Almeida (2012) “a memória, matéria-prima da história, é o *“fio”*¹ que localiza a existência individual e coletiva no labirinto do tempo, que faz o elo entre as gerações, que dá sentido à ancestralidade e aos pertencimentos de cada pessoa e cada grupo no seu tempo e espaço” (p. 18).

Assim, o empenho aqui empreendido é para que as futuras gerações possam ter acesso a partir desta pesquisa e do vídeo documentário, a história de seus pais, tios, avós, bisavós, entre outros que viveram experiências com a professora Terezinha e que, possivelmente, despertará outras produções como também poderá ser fonte de pesquisa sobre a história da educação de Carnaíba do Sertão, em que serão observadas e analisadas metodologias de ensino utilizadas em contextos sócio-históricos distintos, comportamento dos alunos, merenda escolar, recreação infantil e juvenil, e até o uso da palmatória, bem como outros temas relacionados ao cotidiano da escola e a da educação. No entendimento de Chauí (2000, p. 164) “a memória é o que confere sentido ao passado como diferente do presente (mas fazendo ou podendo fazer parte dele) e do futuro (mas podendo permitir esperá-lo e compreendê-lo)”.

Cabe destacar que a minha curiosidade pela história de vida da professora Terezinha foi sendo tecida a partir de relatos orais por parte daqueles que, com ela conviveram, e se permitiram compartilhar essas experiências de ensino, de amizade pessoal e profissional, ou seja, a vida e as amarguras dessa professora do interior, que fez das dificuldades o alimento da resistência, para que aqueles que por ela passassem na sala de aula, pudessem também construir caminhos em que as pisadas fossem adormecidas pelo que a educação proporciona de melhor: a liberdade.

¹ Conforme itálico dos autores...

Assim sendo, esta pesquisa buscou encontrar respostas para seguinte questão: quem é Terezinha Elvira de Macêdo e que importância tem sua trajetória de vida-formação-profissão para Educação de Carnaíba do Sertão onde atuou como professora e gestora do Colégio Municipal Professora Graciosa Xavier Ramos Gomes? Destarte, para o desenvolvimento do trabalho de pesquisa foi definido como objetivo geral: investigar o percurso de vida-formação-profissão da professora Terezinha Elvira evidenciando o seu papel de educadora e sua contribuição para Educação do Distrito de Carnaíba do Sertão. Quanto aos objetivos específicos buscou-se: conhecer a percepção de pessoas que trabalharam, e/ou estudaram com a professora Terezinha acerca do trabalho pedagógico desenvolvido por ela; desvelar experiências formativas que constituíram o desempenho profissional da professora em tela; identificar características da prática pedagógica da professora Terezinha presentes na história da Educação local; apreender dispositivos de formação e marcas da trajetória de vida-formação-profissão da educadora Terezinha.

Diante disso, o percurso metodológico adotado para a realização deste trabalho que toma como objeto de estudo a história de vida, formação e profissão da professora Terezinha fundamentou-se nos pressupostos da pesquisa qualitativa e da abordagem metodológica da pesquisa (auto) biográfica, sendo a entrevista narrativa o dispositivo de recolha de dados mais apropriado para realização de um trabalho de pesquisa dessa natureza. Neste trabalho, assim como Nóvoa (1988) utilizamos os parênteses (auto) biográfico, tendo em vista a simplificação que faz ao duplo sentido da expressão, como movimento de investigação e de formação, evidenciando-se a narrativa do ator social.

As entrevistas foram realizadas com seis pessoas, coincidentemente todas mulheres, que conviveram com a professora Terezinha como colegas de trabalho e também como alunas e que, assim como ela, continuam residindo em Carnaíba do Sertão. Foram horas de gravações de depoimentos, inclusive, com a própria protagonista deste estudo, sem contudo, desconsiderar que toda memória é seletiva, portanto, o que está sendo apresentado é, antes de tudo, uma seleção de experiências relatadas por essas pessoas, entre os meses de março a junho do ano em curso, bem como as lembranças rememoradas por mim em contextos discursivos diversos, e que subsidiaram desde sempre a produção deste trabalho de pesquisa que resultou em um produto midiático de valor material e simbólico incomensurável.

E assim, as escolhas, omissões e esquecimentos constituintes desse processo de rememoração e registro são esperados, em consonância com Halbwachs (1993), para quem a memória individual existe a partir de uma memória coletiva, pois que:

A reconstrução se opera a partir de dados ou de noções comuns, que se encontram tanto no nosso espírito como no dos outros, porque elas passam incessantemente desses para aquele e reciprocamente, o que só é possível se fizeram e continuam a fazer parte de uma mesma sociedade (HALBWACHS, 1993, p. 34).

Nesse sentido, todas as recordações são constituídas e instituídas no espaço interior de um mundo social específico, logo, as memórias evocadas e o modo como elas são lembradas ou recordadas resultam da determinação dos grupos sociais, que por vez estão relacionados à memória coletiva de cada sociedade. Para esse autor, a lembrança é, em larga medida, uma reconstrução do passado, com a ajuda de dados emprestados do presente” (1993, p. 71).

Portanto, este relatório de pesquisa, além de contar com esta introdução, encontra-se estruturado em três seções, a saber: a primeira aborda os referenciais teóricos e metodológicos que fundamentaram a pesquisa; na segunda seção, é apresentada parte da gênese do Distrito de Carnaíba do Sertão e da história da sua educação escolar; a terceira e última seção traz a história de vida-formação-profissão da professora Terezinha Elvira de Macêdo, uma narrativa (auto)biográfica tecida a várias mãos. Por fim, após a conclusão deste relatório são apresentadas as referências bibliográficas, incluindo o produto midiático, ou seja, o vídeo documentário.

1 DELINEAMENTO DOS REFERENCIAIS TEÓRICOS E METODOLÓGICOS: O CAMINHAR DESTE PESQUISADOR INICIANTE

O caminho se faz caminhando.

(ANDERSON, 2021)

Não basta somente conhecer o caminho, é necessário andar e voltar quantas vezes forem necessárias. Parar, reavaliar o que já foi percorrido, voltar e beber da fonte, recarregar as forças. Trilhar por um caminho desconhecido desperta sentimentos de medo, angústia... as energias se desgastam facilmente por instigar o desejo de se chegar logo ao lugar almejado. Trilhar por um caminho que já foi experimentado e que já se conhece torna a caminhada mais ágil, apesar dos espinhos e pedregulhos, rios e riachos, obstáculos necessários que servirão de aprendizado para quem se permite caminhar e para quem desejar um dia fazê-lo. E assim é o caminhar deste pedagogo em formação, ou dizendo com outras palavras, do vir a ser pedagogo.

Por uma questão didática, o percurso argumentativo orientador do trabalho de pesquisa que culminou com este relatório e o vídeo documentário será apresentado nesta seção em três subseções, a saber: na primeira serão abordadas perspectivas teóricas sobre memória, histórias de vida, biografias, autobiografias, as quais foram essenciais para a compreensão das narrativas como dispositivos de formação e/ou procedimento metodológico de investigação. Em seguida, serão apresentadas na segunda subseção as bases conceituais do método (auto) biográfico, bem como da entrevista narrativa, esta, não apenas como instrumento de recolha de dados, mas, essencialmente, como dispositivos de formação e autoformação do sujeito pesquisador, favorecendo mudanças significativas no âmbito da pesquisa em educação e, em particular, da investigação sobre práticas pedagógicas e formação docente; na terceira e última subseção serão sinalizadas as potencialidades do vídeo documentário e as expectativas e proposições geradas antes, durante e quiçá, no futuro, pelo processo de sua produção, no contexto do curso de Pedagogia, no Departamento de Ciências Humanas, Campus III, da Universidade do Estado da Bahia.

1.1 Memória, histórias de vida, autobiografias e formação

Etimologicamente, o vocábulo narrar vem do verbo latino *narrare*, que significa expor, relatar, contar, que é uma necessidade ancestral, constituinte do ser humano. Portanto, a narrativa faz parte da história da humanidade, pois contar uma história é uma capacidade humana universal e, por isso mesmo, é tão comum ouvir através de narrativas diversas que somos, por natureza, contadores, narradores de história. Assim, o desenvolvimento humano se confunde com o próprio ato de narrar que se caracteriza, também, como o ‘narrar-se’.

Na sua obra, o filósofo Walter Benjamin (1892-1940) atribui grande importância a narrativa evidenciando os elementos que a constitui, bem como a relação de caráter formativo e formador estabelecida entre o narrador e o seu ouvinte. Na narrativa, afirma Benjamin (1987, p. 201) “o narrador retira da experiência o que ele conta: sua própria experiência ou a relatada pelos outros. E incorpora as coisas narradas à experiência dos seus ouvintes”, e prossegue argumentando para que se possa entender a crise que legitima a “faculdade de intercambiar experiências” (p. 198). Narração e experiência estão imbricadas, porém como nos diz esse filósofo, o narrador vem se afastando cada vez mais das vivências e experiências cotidianas, as quais são fontes originais de todos os narradores, que as constroem e as socializam no cotidiano entre as pessoas.

Referenciada nesse autor, Dutra (2002) afirma que a narrativa não é uma lembrança acabada de uma experiência, haja vista que, à proporção que essa experiência vai sendo narrada ela também vai sendo reconstruída não apenas pelo narrador, mas também pelo ouvinte que ao contar para o outro o que ouviu, ele não apenas se transforma em narrador, como também agrega à sua experiência a narração ouvida e compartilhada, pois que, narrar alguma coisa consiste num modo de trocar experiência.

Nessa mesma direção, Jovechelovitch & Bauer (2008) afirmam não haver experiência humana que não possa ser expressa em forma de narrativas, que são infinitamente diversificadas, sendo por meio dessas que acontecimentos são selecionados e ordenados pelas pessoas que, constantemente, os articulam atribuindo sentido e significado à vida individual e social. É, portanto, através da narrativa oral ou escrita, que as experiências dispersas no tempo e no espaço podem

e devem ser retomadas e reconstituídas, sendo esse processo dependente da memória dos sujeitos que vivenciaram de um modo ou de outro as experiências a serem contadas.

Diante disso, podemos considerar que neste trabalho as memórias individual, coletiva e histórica se cruzam e se complementam (HALBWACHS, 1993). Mas, vale destacar que nesse espaço de convergências as memórias individuais e coletivas vivem num conflito permanente pela busca de coexistência (existir ao mesmo tempo) e também pelo prestígio de se consolidarem como memória histórica.

Seria o caso, então, de distinguir duas memórias, que chamaríamos, se o quisermos, a uma interior ou interna, a outra exterior; ou então a uma memória pessoal, a outra memória social. Diríamos mais exatamente ainda: memória autobiográfica e memória histórica. A primeira se apoiará na segunda, pois toda história de nossa vida faz parte da história em geral. (HALBWACHS, 2004, p. 59).

A partir da compreensão do pensamento do autor acima citado, aproprio-me das palavras de Brito (2011) para emitir o meu ponto de vista.

Em nosso cotidiano a memória aparece já de forma reconhecida e ligada diretamente a fatos que já aconteceram, que estão guardados em algum lugar: em nossa cabeça, em nossas caixas de retratos, de cartas, de objetos de recordações etc. Ao falarmos de uma pessoa muito querida e dos momentos que passamos ao lado dela, lembramos de fatos, de lugares, de diálogos, cenas vividas; temos então uma memória. Quando lemos alguma poesia, algum texto importante ou que de alguma forma nos tocou, ao tentarmos fazer alusão a este texto, redobramos a nossa memória para trazê-lo ao tempo presente. Quando escrevemos ou produzimos algo no computador, guardamos em sua memória interna, ficando arquivado até que precisemos retomar aquele trabalho. No dia a dia de nossas vidas fazemos uso da memória para viver nosso mundo, significá-lo e guardá-lo. (BRITO, 2011, p.46).

Nesse sentido, muitas são as recordações amparadas em reflexões atribuídas a nós mesmos, mas que, na verdade, são de inspiração coletiva, ou seja, resultam da influência de sujeitos integrantes de determinados grupos sociais, porquanto, “se a memória coletiva tira sua força e sua duração por ter como base um conjunto de pessoas, são os indivíduos que se lembram, enquanto integrantes do grupo” (HALBWACHS, 2013, p. 69). Para ele, cada componente do grupo dimensiona suas lembranças construídas socialmente, já que a memória é fundamentalmente construída em grupo, mas é também sempre, um trabalho do sujeito a partir de suas impressões baseadas em representações, valores, ideias. Enfim, essa perspectiva de

memória social difere da tese da memória como a preservação integral do passado e a possibilidade de recuperá-lo pela lembrança.

Conforme o antropólogo brasileiro Gilberto Velho (2001, p. 10) “não existe vida social sem memória”. [...] A própria possibilidade de interação depende de experiências e expectativas culturalmente compartilhadas”. Na sua visão, mesmo que mudanças e transformações ocorram na sociedade alterando suas características, seus percursos e ritos, bem como suas prioridades e ênfases, sempre haverá uma referência cultural, um conjunto de informações, valores e crenças amparando a comunicação entre indivíduos e grupos, ou dizendo com outras palavras, fundamentando os processos socioculturais de construção de memória de uma dada sociedade. E mais adiante Velho (2001) afirma que não se trata de um único relato ou história, mas de versões distintas que expressam as representações e a heterogeneidade dos atores sociais, assim sendo, “é nessa relação entre a rede de significados e a dimensão da ação dos atores sociais que deve ser caracterizada a importância da(s) memória(s) (p. 11- *ibid.*)”.

Para Kenski (1994, p. 109) “o que é narrado é, praticamente, uma reconceitualização do passado de acordo com o momento presente”, o que ajuda na compreensão da memória como processo de rememoração, mas também que ao rememorar volta-se ao passado com as experiências do presente para que nesse processo de reconstrução das lembranças, instrumentalize-se para agir sobre o presente e delinear o futuro, revelando assim, a construção política do conceito de memória, na sua obra.

Nessa mesma direção, Chauí (1992, p. 43) argumenta a favor de “uma compreensão política da memória atenta à diferença temporal entre o passado e o presente, atenta à diferença das memórias sociais que constituem o presente, atenta à necessidade de liberar a memória e de explicitá-la para que o presente se compreenda a si mesmo e possa construir/inventar o futuro”.

Segundo a escritora, psicóloga e professora da USP, Ecléa Bosi (1936 – 2017), autora da emblemática obra *Memória e sociedade: lembranças de velhos* “na maior parte das vezes, lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e ideias de hoje, as experiências do passado. A memória não é um sonho, é trabalho” (BOSI, 2003, p. 55). Paim (2005) dialogando com Bosi (1994) entende que

a função da memória não é reconstruir o tempo, nem tampouco anulá-lo, visto que, “ao lembrar, o conhecimento do passado se organiza, ordena o tempo, localiza cronologicamente. Portanto, a função da memória é trazer novamente a vida ao que já foi vivido” (PAIM, 2005, p.42). A rememoração não se restringe a restauração do passado, pois sendo a memória de natureza seletiva, o ato de rememorar se adequa às conveniências do presente e possibilita perspectivar o futuro, sendo concebida desse modo no estudo aqui realizado, ou seja, enquanto reconstrução do passado no presente.

Carmen Lúcia Vidal Pérez, na obra “O lugar da memória e a memória do lugar na formação de professores”, traz contribuições significativas para fundamentar esse debate, ao afirmar:

Rememorar é um ato político. Nos fragmentos da memória encontramos atravessamentos históricos e culturais, fios e franjas que compõem o tecido social, o que nos permite re-significar o trabalho com a memória como uma prática de resistência. [...] São nas ausências, vazios e silêncios, produzidos pelas múltiplas formas de dominação, que se produzem às múltiplas formas de resistência [...] que, fundadas no inconformismo e na indignação perante o que existe, expressam as lutas dos diferentes agentes (pessoas e grupos sociais) pela superação e transformação de suas condições de existência. (PÉREZ, 2003, p. 5).

No meio dos estudos sobre memória, uma vasta literatura vem sendo produzida, nessas últimas décadas em várias partes do mundo por estudiosos das mais distintas áreas de conhecimento que entendem que as histórias de vida, em suas variações - biografias, autobiografias, relatos memorialísticos, dentre outras – devem “contribuir para fazer de suas práticas uma arte poderosa de autoformação da existência ou, ao contrário, de submissão, conforme permite ou não aos sujeitos apropriarem-se do poder de refletir sobre suas vidas” (PINEAU, 2006, p. 41).

Assim, no campo da Educação há um crescimento exponencial das pesquisas sobre a vida dos professores e seus percursos pessoais e intelectuais destacando a relevância da dimensão humana, bem como a influência de aspectos sociais na construção da identidade e na formação profissional do educador. Essas publicações ganham força com a obra intitulada *Produzir sua vida: autoformação e autobiografia*, de Gaston Pineau e Marie-Michèle, em 1983, e com o livro de Ada Abraham, *O professor é uma pessoa*, lançado em 1984. Na sequência, sob a organização de Nóvoa e Finger é publicada a obra *O método (auto) biográfico e a formação*, em 1988,

com textos deles próprios e de Chené, Dominicé, Ferrarotti, Josso, Pineau em que eles apresentam as bases teóricas dos campos de investigação e formação, abordando respectivamente: formação de professores, autoformação participativa, as histórias de vida, o método biográfico, a autoformação, a formação sociopolítica.

Para Ferrarotti 2014, a nossa história de vida individual é o resumo do que experienciamos da nossa história social. Construímos juntos relações cotidianas que nos possibilitam construir sonhos, modelos de comportamento, delírios, obras... tudo isso está registrado na história da nossa vida individual. Cada um é o espelho no qual se revela a síntese de uma história social. E completa que a biografia sociológica não é somente constituída de experiências vividas, contudo, é também fruto de uma micro relação social.

Cabe destacar que, no trabalho com as biografias e (auto) biografias educativas, o individual e o social estão dialeticamente articulados no processo de narração, não permitindo simplificação dessa prática, o que pressupõe não apenas redigir a biografia, mas principalmente estudar o seu contexto e os elementos que os constitui, refletir sobre seus sentidos e significados no conjunto das ações humanas e que por tudo isso, demanda um método, pautado na reflexividade, criticidade, diálogo com visões distintas, o que reforça o argumento de Ferrarotti (2010) acerca das potencialidades heurísticas do método biográfico como uma de suas especificidades para a compreensão do sujeito.

Para tanto, os instrumentos heurísticos devem ser buscados em campos distintos do conhecimento, como na história social, na filosofia, na antropologia social e cultural, na etnografia, na psicologia e na psicanálise, como também na arte literária, pois essa é uma aposta segundo Passeggi e Souza (2017, p. 10) “pós disciplinar, ancorada na liberdade de ir e vir em busca de instrumentos heurísticos onde eles se encontram, como sugere Ferrarotti (2013), sem se acomodar aos quadros de uma visão disciplinar, ou inter-, ou pluri- ou multi- ou transdisciplinar”.

Nóvoa (2007) destaca as potencialidades formativas da abordagem experiencial do método (auto) biográfico, em função de sua qualidade heurística, afirmando ainda que uma das suas principais qualidades está em conceder atenção particular aos sujeitos com respeito total pelos processos pessoais que os formam. Mas, não desconsidera que o trabalho com essas metodologias no contexto da

educação, assim como em um passado mais longínquo, vem suscitando debates calorosos sobre o caráter da sua cientificidade, a banalização do seu uso e esvaziamento da sua carga teórico-conceitual, carecendo, assim, de serem ponderados por quem se propõe a realizar estudos a partir dessa perspectiva teórico-metodológica de pesquisa.

Dialogando com R. Barbier e J-L Legrad (1990) sobre trabalhar no ensino e na pesquisa com história de vida no âmbito da educação, Macedo (2000, p. 176) afirma:

A abordagem da história de vida apresenta perspectivas heurísticas interessantes em educação por sua orientação fundamentalmente existencial, trata-se sempre de começar pelo vivido, realidade opaca, resistência que constitui a verdade de cada experiência do sujeito social nas práticas educacionais. [...] longe de refletir o social de forma mecanicista, o indivíduo o assimila e o acomoda numa linguagem construcionista, portanto o mediatiza e o retraduz, projetando-o numa dimensão diferente, a dimensão da subjetividade.

Dominicé (1988) tendo como referência a tradição das histórias de vida na perspectiva sociológica, embora com enfoque diferenciado, além de tratar da abordagem 'biografia educativa', conceito por ele explorado na perspectiva de estudar o processo de aprendizagem dos adultos, sugere ainda que a formação do professor tenha como ponto de partida a construção da identidade de quem será esse futuro profissional, considerando que na sua formação está implicada a produção de sentidos sobre vivências e experiências de vida, pois que, "[...] ao pedir aos adultos para percorrer sua trajetória educativa, para dela extrair os elementos formadores, eu solicito uma informação muito pessoal, que eles fornecerão de acordo com o modo que lhes convier," diz Dominicé (1992, p. 75), e assim a biografia educativa vai sendo tecida nesse movimento dialético entre passado, presente e futuro numa real demonstração de que os sujeitos ao se apropriarem da história de vida se apropriam também da construção do seu processo formativo.

Essa perspectiva formativa "[...] reforça o princípio segundo o qual é sempre a própria pessoa que se forma e forma-se na medida em que elabora uma compreensão sobre o seu percurso de vida; a implicação do sujeito no seu próprio processo de formação torna-se assim inevitável" (NÓVOA, 1988, p. 117), coadunando com a célebre afirmação desse autor de que o professor é a pessoa, e uma parte importante da pessoa é o professor, daí a clareza de que as dimensões pessoais e profissionais devidamente articuladas criam possibilidades para que esses

profissionais do ensino possam se apoderar dos seus processos de formação, atribuindo-lhes sentido através das suas histórias de vida.

Para Cunha (1997, p. 5) “o uso didático da memória pedagógica e/ou história de vida tem se revelado num interessante instrumento de formação”. Na verdade, para essa pesquisadora essa tem sido uma prática pedagógica que possibilita concretizar os pressupostos teóricos de um processo ensino-aprendizagem que toma o sujeito e a cultura como aspecto fundamental de referência.

Nóvoa (1988, p. 26-27) aposta na importância da reflexão sobre os percursos de vida e defende que os cursos de formação promovam uma formação em que os futuros profissionais sejam protagonistas dos seus processos formativos, ou dizendo com outras palavras, sejam “produtores de sua própria profissão”, adotando como princípio de formação “produzir a vida do professor”. Desse modo, esses futuros profissionais se assumirão como autores e atores de sua própria história e serão produtores e condutores dos próprios projetos educativos e de ações socioeducativas mais amplas e abrangentes.

1.2 Pesquisa (auto)biográfica e a investigação-formação

Embora recente na área das ciências da educação, as histórias de vida como abordagem metodológica de pesquisa surge, primeiramente, na Alemanha, ao final do século XIX, entretanto, foi amplamente empregada entre os anos de 1920 e 1930, pelos sociólogos norte-americanos da Escola de Chicago² que na busca por alternativas à sociologia positivista realizavam pesquisa clássica, ao tempo em que faziam intervenção social, segundo Nóvoa e Finger (2010).

À luz de uma concepção histórico-dialética e crítica da realidade, Ferraroti (1988) apresenta no seu texto *Sobre a autonomia do método biográfico* os fundamentos para uma epistemologia das abordagens autobiográficas na área das ciências que se ocupam dos fenômenos sociais e/ou humanos, visando se aproximar, analisar e interpretar a realidade social. Para tanto, baseia-se em dois argumentos centrais, sendo o primeiro a necessidade de renovação metodológica em razão da

² Escola Sociológica de Chicago

crise generalizada dos instrumentos heurísticos da sociologia, e o segundo relaciona-se à exigência de uma nova antropologia que emerge dessa fase do capitalismo atual, e que, sem as amarras das narrativas generalizantes, busca compreender a vida cotidiana e as dificuldades, contradições, tensões que lhes é inerente, revelando, assim, as estruturas sociais em comportamentos individuais ou microssociais. A biografia para Ferrarotti (2014, p. 20) “se torna instrumento sociológico que parece poder vir a assegurar esta mediação do ato à estrutura, de uma história individual à história social”, e prossegue afirmando:

A crítica à objetividade e à nomotetia, que caracterizam a epistemologia sociológica, teve como consequência a valorização crescente de uma metodologia mais ou menos alternativa: o método biográfico [...] as grandes explicações estruturais, construídas a partir de categorias muito gerais, não satisfazem os seus destinatários [...] exigem uma ciência da mediação que traduza as estruturas sociais em comportamentos individuais ou microssociais (FERRAROTTI, 2014 p. 31).

Ainda na visão do autor supracitado, o método biográfico está a princípio fora do quadro epistemológico exigido pelas ciências sociais, visto que o método biográfico é subjetivo, qualitativo, isento ao esquema de hipótese-verificação, enquadrá-lo, anularia por completo a sua especificidade heurística. Para Ferrarotti (2014):

Uma biografia será representativa se se estruturar à volta de elementos que correspondam à projeção das variáveis do modelo no plano de uma vida individual. Reduzida a um instrumento de controle, a biografia não nos ensina nada que não esteja já no modelo formal. Confirma e verifica conhecimentos adquiridos e não é fonte de novos conhecimentos (FERRAROTTI, 2014, p. 31)

A relevância de uma biografia será de fato efetivada ao ser estruturada em torno desses elementos que se projetam nas variáveis de uma vida individual e que não pode ser reduzida a mecanismos de controle que a esvaziam e a reduzam a um mero verificador de conhecimentos existentes, impossibilitando assim, ser capaz de produzir novos conhecimentos. E, para isso, Ferrarotti (2014) insiste que se faz necessário trazer de volta para o coração do método biográfico aquilo que, de fato, o constitui: os materiais primários, ou seja, a narrativa colhida pelo entrevistador face a face e, conseqüentemente, toda a sua subjetividade.

Conforme Dominicé (2014), essa prática de investigar as relações sociais é denominada de “método biográfico” e que se justifica por dá valor ao que é

compreendido no interior da pessoa, principalmente no que se refere as experiências que tiveram ao longo de suas histórias e completa afirmando que esse saber se mostra não somente de forma crítica, reflexiva e histórica, mas fundamentalmente numa pesquisa formadora. Assim para Dominicé (2014) “a biografia educativa tornava-se um instrumento de investigação porque era instrumento de formação. Reciprocamente, podia ser um instrumento de formação porque era um instrumento de investigação (p. 195), o que justifica a escolha da abordagem (auto)biográfica de pesquisa para a realização do Trabalho de Conclusão que ora se materializa neste Relatório, ora no produto midiático, na forma de um vídeo documentário sobre a história de vida-formação-profissão da Professora Terezinha.

Conforme estudos de Souza (2006), os registros dessa abordagem metodológica de pesquisa, no Brasil, se iniciam em meados de 1970, com a recolha de depoimentos da elite política nacional, no âmbito do Programa de História Oral do Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil da Fundação Getúlio Vargas,

Na Educação, essa metodologia de pesquisa começou a ser utilizada a partir dos anos de 1990, conforme Passeggi, Souza e Vicentini (2011) principalmente nas áreas da História da Educação, da Didática e da Formação de Professores como prática de investigação e de formação ou em pesquisas referentes à vida de educadores, comportando uma diversidade de pesquisas de caráter memorialístico, seja com as biografias e/ou autobiografias educativas, relatos de formação, diários reflexivos, dentre outras.

Vale ressaltar, o pioneirismo do trabalho desenvolvido no campo da formação de professores pelo Grupo de Estudos Docência, Memória e Gênero – Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (GEDOMGE/FEUSP), criado em 1994, em que a pesquisa e o ensino, de modo articulado, tiveram como principal recurso metodológico a escrita de relatos autobiográficos de vida e de formação, vem sendo cuidadosamente sistematizado por Bueno, Chamlian, Sousa e Catani (1993; 2006) influenciando, sobremaneira, esse campo de pesquisa.

Nesse sentido, a produção do conhecimento e sua ampliação no campo da formação de professores tendo como pressupostos teórico-metodológicos a abordagem (auto) biográfica foi o que me permitiu, enquanto formando em pedagogia,

optar por essa metodologia de pesquisa, visto que, à medida em que se (auto)biografa, o sujeito vai se formando nessa experiência de aprendizagem. Para Delory – Momberger (2011):

Toda aprendizagem – seja gestual, cognitiva, processual, etc. – insere-se numa trajetória individual em que acha sua forma e sentido em relação a um conjunto de saberes e competências articuladas numa biografia; todo percurso existencial é um percurso de formação, porque organiza, temporária e estruturalmente, as aquisições e os aprendizados sucessivos dentro de uma “história”, de uma biografia de formação.

A autora reforça que a aprendizagem está intrinsicamente ligada a nossa existência, aprendemos porque existimos. E é a partir da (auto)biografia que se percebe o caminho formativo trilhado e o que ficou de legado, ou seja, os aprendizados organizados em cada tempo vivido e estruturados dentro dessa história formativa. Para Souza (2006):

Os caminhos trilhados desde o início do século XX e os embates travados em diferentes campos do conhecimento têm permitido melhor compreender e reafirmar a abordagem biográfica e a utilização da narrativa (auto)biográfica como opção metodológica para a formação de professores, visto que a mesma possibilita inicialmente um movimento de investigação sobre o processo de formação e, por outro lado, possibilita, a partir das narrativas (auto) biográficas, entender os sentimentos e representações dos atores sociais no processo de formação e autoformação” (SOUZA 2006, p. 34)

Cabe destacar que esse caráter inventivo e constituinte da epistemologia da pesquisa (auto)biográfica reconhece como crucial a integração e a não fragmentação do sujeito, que tem presença ativa e consciente nessa abordagem de pesquisa, não podendo ser desprezada a sua subjetividade, considerando a existência de uma relação entre o pessoal e o social, que é construída cotidianamente revelando aquilo que o sujeito é enquanto pessoa e ser social.

É essa consciência, fruto da reflexão do próprio processo vivido, que é entendida como práxis individual fundamentada nos pressupostos da *reflexividade crítica* que, segundo Nóvoa (1988), produz a inovação pedagógica no campo da educação de adultos e, mais especificamente, no âmbito dos cursos de formação inicial e/ou continuada de professores. Nóvoa e Finger (1998, p. 115-116) argumentam:

As histórias de vida e o método (auto) biográfico integram-se no movimento actual que procura repensar as questões da formação, acentuando a ideia que ‘ninguém forma ninguém’ e que ‘a formação é inevitavelmente um trabalho de reflexão sobre os percursos de vida’.

Daí, o entendimento de que ensinamos não só o que sabemos, mas o que somos e o que somos tem ligação direta com o que vivemos e experienciamos pessoalmente e profissionalmente. É nisto que reside a relevância da reflexão acerca dos percursos de vida, visto que, segundo o autor português, os cursos de formação necessitam promover uma formação em que os futuros profissionais se assumam como “produtores de sua própria profissão”, sinalizando como princípio dessa formação “produzir a vida do professor”. Assim, construirão os próprios projetos educativos, como autores e atores de suas ações.

É a pesquisa (auto)biográfica que possibilita os sujeitos revisitarem os fatos experimentados no decorrer de sua formação, seja enquanto indivíduo escritor de sua própria história seja como parte intrínseca da sociedade, transformador de realidades. A investigação-formação é o cerne do método biográfico, uma vez que possibilita e permite que cada um perceba o que foi formador ao longo de sua vida.

Portanto, a abordagem (auto)biográfica enquanto metodologia de pesquisa, permite um mergulho profundo na vida de quem biografa, fazendo com que os conhecimentos adquiridos durante sua formação se ampliem e produzam cada vez mais significados. Mesmo sendo parte daquele lugar em que cresceu e teceu histórias, a biografia permite ao indivíduo biógrafo imergir mais fundo nos acontecimentos que lhe marcaram e que de fato o levaram a pesquisar sobre o dia a dia do lugar e sua constituição e a vida de seu povo, neste particular, a história da vida.

Para Garms e Santos (2014), à semelhança das ciências sociais que utilizam as narrativas autobiográficas para estudar as experiências que nós humanos fazemos do mundo, na pedagogia é através das histórias de vida que se descobre o que os professores sabem sobre o ensino, como organizam seu conhecimento e o que aprendem ao refletirem sobre esse mergulho na própria história, para eles as narrativas por si mesmas se constituem uma metodologia completa.

Nesse sentido, é mister afirmar que a entrevista narrativa enquanto dispositivo de recolha de dados, se revelou uma poderosa ferramenta para apreensão de práticas aprendidas e desenvolvidas no decurso da história dos sujeitos investigados, ou seja, das seis professoras e da própria protagonista deste estudo, favorecendo

reflexões das relações familiares e sociais, estabelecidas em casa, no trabalho, na sala de aula, com os alunos e familiares, permitindo, portanto, conhecer a vida da professora aqui pesquisada, e que se encontra imbricada na educação de tantos e tantas que lhes foram confiados, no Distrito de Carnaíba do Sertão, que é o objetivo deste trabalho.

De algum modo, a pesquisa usa narrativas e pressupõe um processo coletivo de mútua explicação em que a vivência do investigador se imbrica na do investigado. Daí, o entendimento de que a articulação entre a metodologia (auto)biográfica e a técnica da entrevista narrativa – inclusive considerando que as próprias narrativas podem ser compreendidas como ambas - foi imprescindível para que pudéssemos captar detalhes e experiências que se somaram também às memórias revisitadas por mim em todo o processo de pesquisa e sistematização dos dados apresentados neste Relatório, bem como a produção do Vídeo Documentário. Para tanto, as seis entrevistas narrativas foram organizadas para contemplar professoras colegas de profissão e também alunas da Professora Terezinha, além dela própria. Todas assinaram o Termo de Livre Consentimento.

Realizar este Relatório de Pesquisa e produzir o Vídeo Documentário sobre a história de vida-formação-profissão da Professora Terezinha trará à tona e eternizará aspectos de sua vida a partir do mergulho profundo que ela mesma realizou em sua própria história, ao visitar a sua gênese dando nomes aos sentimentos que até então estavam adormecidos pela força do tempo. Digo que o tempo, esse Senhor que nos permite voltar na história não mais como autor, pois não podemos escrever o que outrora fora escrito, mas como visitantes que admira a obra acabada ou se arrepende de detalhes ou inacabamentos que não foram dados.

1.3 Vídeo documentário: lembrar para não esquecer

O cerne deste trabalho está na história da vida-formação-profissão da professora Terezinha Elvira, com a contribuição de ex-alunas e ex-colegas de profissão que com suas experiências em sala de aula e no cotidiano de Carnaíba do Sertão deram vida as histórias vividas e que agora serão eternizadas neste Relatório e no Produto Midiático, na forma de Vídeo Documentário, o qual me permitiu muitas

reflexões acerca dos motivos pelo qual o escolhi. Dentre esses, o entendimento de que os recursos cinematográficos têm uma capacidade maior de atingir as pessoas, do que os impressos, tendo em vista o elevado número de analfabetos em nosso país, principalmente no interior do sertão nordestino, onde está inserido o Distrito, lócus deste estudo. Nesse caso, o vídeo documentário permite o acesso aos que não dominam o código escrito, pois segundo Carvalho (2008, p. 21):

A arte cinematográfica veio ao encontro da possibilidade de veicular a cultura às gerações analfabetas, uma vez que os códigos imagéticos visuais independem do sistema da escrita, que segue uma estrutura gramatical e ortográfica complexa.

Nesse particular, os moradores de Carnaíba do Sertão com pouca ou nenhuma instrução, inclusive alguns familiares, poderão apreciar o resultado do meu trabalho, pois mesmo não dominando o código escrito, eles terão o mesmo direito de quem foi um dia alfabetizado. O audiovisual fará com que sejam incluídos nessa cultura das letras ditas, soltas ao vento e poderão se ver nas muitas histórias e trajetórias da professora Terezinha que eles tanto ouvem e com quem tanto falam. Carvalho (2008, p.20) diz:

Assistir a um filme associa-se, portanto, a diversas dimensões culturais: à relação do espectador com a imagem enquanto evento social, à produção cultural, ao documento histórico, dentre outras. O cinema é um meio de expressão que interfere na maneira como o homem se vê, como concebe a si mesmo e a realidade que o cerca. Nesse sentido, é possível revisitar a história coletiva, e mesmo individual, induzindo o público a experimentar novos saberes. Com seu enorme potencial de apreensão da realidade, as imagens registram paisagens, costumes, e, ainda, nossas construções e invenções.

A biografia da professora Terezinha exibida em tela propiciará ao espectador uma viagem no tempo, por meio da sua história de vida-formação-profissão no Distrito de Carnaíba, seu lugar de origem e de muitos que assistirão e que poderão se ver representados em meio aos depoimentos e histórias que marcaram vidas. Os saberes apreendidos a partir da exibição do filme será de grande importância, visto que, a história de vida da professora Terezinha está intrinsecamente ligada ao lugar, aos costumes, ao dia a dia.

Na acepção de Nichols (2005, p. 26), todo filme é um documentário, mesmo a mais extravagante das ficções, e, assim, o classifica em dois tipos: documentário de satisfação de desejos e documentários de representação social. O primeiro seria as

ficções e o segundo a leitura do mundo “real” que se vive. Este tipo de documentário diz muito sobre a nossa compreensão de mundo e o que ainda queremos nele. Para o referido autor “o vínculo entre o documentário e o mundo histórico é forte e profundo. O documentário acrescenta uma nova dimensão à memória popular e a história” (p 27). Este contributo do documentário de poder guardar a memória em áudio e vídeo, as histórias das pessoas, suas convicções e contribuições na sociedade, suas identidades, é sem dúvida um recurso que dá voz e corpo aos invisíveis.

Para tanto, se fez necessário após a revisão do Projeto de Pesquisa elaborado na disciplina Trabalho de Conclusão I, dar os primeiros passos para o processo de produção do vídeo documentário. Nesse sentido, contatei pessoalmente alguns moradores de Carnaíba do Sertão com o intuito de colher informações acerca de ex-alunos e colegas de trabalho da professora Terezinha. Com as informações precisas, visitei essas pessoas e as interroguei sobre a possibilidade da participação delas na produção do Vídeo Documentário sobre história de vida-formação, por meio de entrevista narrativa, com ênfase na memória das aulas da professora Terezinha, bem como das relações profissionais estabelecidas entre docentes e discentes, além da sua atuação como gestora da maior escola do Distrito. As primeiras seis que aceitaram - considerando ser esse o número definindo de entrevistados - coincidentemente, eram todas mulheres, dentre essas, apenas uma não residia em Carnaíba do Sertão, e sim, em Juazeiro-BA.

Enquanto as entrevistas não aconteciam, fui reunindo fotografias, documentos e preparando um roteiro para as entrevistas que seriam realizadas na forma de narrativas, ou seja, por meio de uma conversa informal, contudo, previamente, planejada. Primeiramente, agendei as conversas com cada entrevistada, na sequência fui de casa em casa colher as informações para a construção do Vídeo Documentário.

Vale ressaltar, que as conversas foram animadas, descontraídas e cheias de afeto, na ocasião, gravei somente o áudio para a construção do roteiro para gravação, ou seja, escolhi o caminho mais longo da produção, pois poderia ter gravado áudio e vídeo e, na sequência, ter feito o roteiro com as imagens que dispunha. Preferi seguir o caminho mais comprido. As conversas foram transcritas e fui lendo e me apropriando do seu conteúdo, concomitante, com as leituras e sistematização da literatura sobre a pesquisa (auto)biográfica que as histórias de vida, na forma de

biografias, autobiografias, escrita de si, memórias, memoriais, diários, cartas, fotografias, objetos pessoais e tantos outros artefatos, como instrumento de pesquisa e, ao mesmo tempo, como procedimento de formação.

Após a transcrição das entrevistas, comecei a redigir a biografia e preparar o roteiro das gravações em vídeo e áudio. Nesse percurso, fui e voltei às casas das entrevistadas várias vezes. Os imprevistos foram inúmeros, doença, viagem, desencontros... mas, deu certo. Preparando a escrita e pensando como faria para gravar tanta coisa a partir do mesmo questionário para construir um vídeo que respondesse a minha pergunta de pesquisa.

A primeira entrevistada foi a professora Terezinha. Quando cheguei a casa dela para falar sobre o meu tema, os objetivos... prontamente aceitou. Pediu que eu sentasse e fomos conversar sobre a sua história de vida-formação-profissão. Lembrando que todos os cuidados sanitários em razão da pandemia da covid-19, foram tomados. Devidamente de máscara e com álcool 70%, mantendo um distanciamento necessário que não prejudicou o trabalho.

Realizei as entrevistas em todas as casas tomando todos esses cuidados, usei um microfone tipo capela com uns 3 metros de comprimento e com uma captação de longo alcance para que as entrevistadas não tivessem contato com nenhum material que eu estava portando. A cada entrevista tudo era devidamente higienizado. Foram umas 3 semanas para concluir as entrevistas em áudio. Com todo o material necessário para a construção do roteiro das gravações, me debrucei e passei noites lendo, escrevendo e rasgando papel. Quando o roteiro ficou pronto, parti para as casas das entrevistadas para começar as gravações. Elas já estavam me esperando: a professora Terezinha, Têca, Rosinha, Joelma, Evilania e Maísa, gravei os vídeos em 2 semanas.

Infelizmente, não consegui gravar o vídeo com a professora Graciosa pelo fato de uns dias antes do agendamento da gravação, ela ter tomado a segunda dose da vacina contra a covid-19 e devido às reações não ter se sentido bem. Dela só consegui gravar o áudio da conversa, talvez se tivesse no primeiro encontro, gravado áudio e vídeo, não teria ficado tão tenso com o ocorrido. O primeiro material já tinha o áudio, então o vídeo foi editado somente com a voz dela.

Conclui a escrita do memorial, enviei para minha orientadora para as revisões necessárias e parti para a edição do vídeo. Um colega estava responsável para me ajudar nessa etapa de edição, porém, um erro de comunicação nas datas para entrega do material, não permitiu que ele continuasse me ajudando na finalização do trabalho. O tempo foi o meu pior inimigo. Preparei-me para que isso não acontecesse, mas aconteceu e deveria enfrentar como sempre enfrentei os problemas. A única opção foi entrar em contato com minha orientadora para ver a possibilidade de usar o Laboratório de Informática do DCH III para editar o vídeo, visto que não tinha condição nenhuma de pagar as despesas do trabalho de profissionais. Lembrei que participei de um grupo na disciplina de Educação e Comunicação e nela produzimos um documentário de 10 minutos sobre a Umbanda, sendo a colega e amiga Aynezaine quem editou todo o vídeo e eu fui direcionando o trabalho.

Assim, como as exigências para liberar ação do laboratório do DCH/III foram muitas, em razão da burocracia, não daria tempo o processo tramitar em todas as instâncias que o pedido deveria passar, por tudo isso, Aynezaine editou o vídeo documentário com muitas dificuldade e sem um programa eficiente que o deixasse com um acabamento profissional.

Apesar das dificuldades no meio do caminho, nós não desistimos. Eu, Neuma, Aynezaine, as entrevistadas, principalmente a professora Terezinha Elvira de Macêdo continuamos na estrada mesmo com os pedregulhos que poderiam nos fazer desistir. O caminhar foi difícil, extremamente difícil. Sem contar com as perdas de vídeo e áudio devido o celular não reconhecer o microfone, além da captação de ruídos, da memória cheia, e dos travamentos aqui, e reinício ali e acolá, por conta da qualidade do equipamento utilizado, afinal, é um aparelho celular básico, comum, popular mesmo.

O processo de decupagem foi bastante trabalhoso, principalmente, pela nossa inexperiência nesse campo, contudo, após a edição final do vídeo, confesso que foi extremamente gratificante poder ver o resultado, afinal, depois de noites, madrugadas em claro, o produto do meu TCC estava concluído. Depois de passar por todas essas dificuldades, por encontros e desencontros, alegrias e tristezas, horas tentando escrever algumas linhas eu faria tudo novamente pela satisfação de ver o fruto de muito trabalho e empenho. Afinal, deu certo. Todo esforço e vontade de seguir adiante não foram em vão.

2 OS FIOS DA MEMÓRIA NA TESSITURA DA HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO EM CARNAÍBA DO SERTÃO

Escrever sobre a Professora Terezinha Elvira de Macêdo, implica necessariamente recorrer a gênese do Distrito de Carnaíba do Sertão e, conseqüentemente, da sua Educação, considerando o imbricamento existente entre a história de vida dessa professora e a lugar onde nasceu e vive até os dias atuais, sendo, literalmente, impossível, neste contexto, separar a formação do Distrito da sua vida-formação-profissão. Assim, esta seção organizada em duas partes, aborda, inicialmente, informações importantes sobre a constituição do Distrito e, posteriormente, traz aspectos do perfil dos primeiros professores que instituíram a Educação em Carnaíba em Sertão.

2.1 Formação do Distrito Carnaíba do Sertão

Falar da educação de Carnaíba do Sertão implica, inicialmente, em relembrar a minha convivência com a professora Graciosa Xavier, que era responsável pela Capela dedicada a Santa Teresinha, e nessa ingressei muito cedo, aos 5 anos, precisamente, no ano de 1993. Eu me deleitava ao ouvi-la contar as histórias antigas das pessoas da comunidade e do início do Distrito de Carnaíba do Sertão que, outrora, era conhecido por Fazenda Recreio, que pertencia a Francisco Martins Duarte,- o Chico Martim, filho do Coronel Francisco Martins Duarte que por três mandatos foi presidente da Câmara Municipal, que naquela ocasião desempenhava a função executiva, ou seja, ele, Chico pai, foi prefeito da cidade de Juazeiro – BA.

Com a morte do dono fazenda, seu herdeiro Chico Neto, vendeu uma parte e a outra o Senhor Pedro Dias, afilhado do dono, ganhou como herança. A professora Graciosa contava que pessoas oriundas de vários lugares das redondezas ou de longe, construíam casebres e cercavam os terrenos sem qualquer permissão dos verdadeiros donos daquelas terras.

Com a organização administrativa da cidade de Juazeiro, a antiga fazenda Recreio ou povoado do Recreio foi então batizado como Carnaíba do Sertão, por existir na localidade grande quantidade de palmeiras conhecidas como carnaúba ou

carnaíba - o nome científico é copernícia prunifera – contudo, como outros lugares já haviam sido batizados com esse nome, acrescentou-se “do sertão”.

Com o advento da linha férrea que cortava o Distrito e que sediou uma estação para embarque e desembarque de passageiros e para abastecimento de lenha, elemento fundamental na geração de energia que fazia a Maria - fumaça funcionar, novos moradores chegaram ao Distrito de Carnaíba do Sertão. De início, a Companhia Chemy de Ferr, empresa francesa responsável pela construção da estrada de ferro trouxe em seu quadro de funcionários engenheiros e técnicos da França, alguns deles acometidos pela tuberculose que assolava o mundo no final do século XIX.

Por ser conhecida como um lugar de clima agradável e de água calcária, muitos doentes foram atraídos à Carnaíba na busca da cura da doença, em razão disso foi construído um Sanatório para esse fim, no qual muitos se curavam, no entanto, outros perdiam a vida para o tão temido Bacilo de Koch. Os que sobreviveram a essa batalha, mesmo com os pulmões comprometidos, permaneceram no Distrito, formaram família e sofreram com o estigma por ter sido um tuberculoso ou tuberculosa.

Carnaíba do Sertão também foi formada por esses remanescentes, sendo que a parte da memória daqueles acometidos pela tuberculose é preservada através do Prédio que sediava o Sanatório e que atualmente é patrimônio da Diocese de Juazeiro – BA, prédio esse, que abrigou os que sonhavam com a cura, com a volta para suas casas e famílias, e que alimentavam a esperança de uma vida normal, sem qualquer estigma, que na época era muito notório por se tratar de uma doença contagiosa sem cura científica comprovada, naquela época.

Ao ouvir tudo aquilo eu ficava a imaginar as dificuldades daquele povo que contava com a boa vontade de rezadores que receitavam chás, banhos e resguardos para aliviarem as suas dores físicas, pois não contavam com ajuda médica no Distrito, apenas na sede do município, ou seja, em Juazeiro, quando tinham algum dinheiro para se deslocarem de trem.

Além da doença que os sufocava, tinham que enfrentar o preconceito que os outros moradores da comunidade tinham, provavelmente por não saberem como lidar com uma doença tão contagiosa e que já havia feito tantas vítimas fatais do próprio

Distrito. Conta-se que toda a louça e roupa de uso do doente era lavada e fervida a uma temperatura muito alta e por um determinado tempo, mesmo feito todo esse processo de higienização, ninguém podia fazer uso, principalmente da louça e dos talheres.

Alguns moradores que possuíam uma condição financeira melhor construíram casas com o intuito de alugá-las para os acometidos pela tuberculose, que não necessitavam de internação, mas que precisavam permanecer no Distrito até o fim do tratamento. O senhor Francisco Macêdo, o Chico Latada, pai da professora Terezinha Elvira de Macêdo, foi uma dessas pessoas. Vindos de Salvador e de outros países, além dos trabalhadores da empresa Chemy de Ferr, todos se valiam dessas casas, que tinham quase o mesmo modelo e quantidade de cômodos, e assim essa gente passava os dias em que se encontrava de alta médica.

A formação do Distrito e a história das pessoas que, oriundas de tantos lugares, transformaram suas misérias e mazelas em sonhos por dias melhores, são motivos para serem lembrados, a fim de eternizar suas memórias. Posto que, a História, seja ela escrita, falada ou desenhada, é a ferramenta que nos permite voltar a algum lugar, brincar com velharias nos ‘monturos’, sentir odores que marcaram momentos, abraçar alguém que já não podemos mais, até rabiscar velhos livros, mesmo sendo de ‘segunda mão’, mas que foram companheiros de todo o ano letivo, dar vida a personagens que crescemos ouvindo e aprendendo a respeitá-los como se fossem da nossa família, é assim que eu concebo a personagem central desta pesquisa.

2.2 Primeiros professores e o legado educativo

Antes de mergulharmos de corpo e alma na trajetória de vida desta professora, necessário se faz apresentar parte da história da educação, quando da formação do Distrito, visto que os moradores do Distrito de Carnaíba do Sertão, em algum momento de vida, já ouviram alguma história em que a professora Terezinha Elvira de Macêdo protagonizara, seja como a professora dedicada, responsável, exigente, brigona, autoritária, zelosa dos recursos públicos, ou pelo fato de ter sido uma exímia alfabetizadora e, principalmente, por amar demais o lugar onde nasceu e escolheu para viver e morrer.

A professora Graciosa Xavier Ramos Gomes em seu livro “Uma trajetória em memória: minha terra, minha gente”, conta como foi a educação em tempos passados em Carnaíba do Sertão e os professores que contribuíram para que a leitura, os cálculos e a religião fossem ensinados às crianças. Muitos professores que atuaram na educação das crianças no início da formação do Distrito de Carnaíba do Sertão merecem todo reconhecimento pela dedicação, abdicando a uma vida mais confortável e compromisso com o futuro da educação na região. Dentre eles, cabe destacar: Ana Nascimento Garrido (Naninha), foi a primeira professora do Distrito de Carnaíba, ela era oficialmente agente dos serviços de Correios e Telégrafos e foi autorizada a lecionar. A sua casa sediava o prédio dos Correios e a escola e usava as cartas como material didático, pois era costume ler com os alunos o destinatário e o remetente delas. Em razão da grande quantidade de estrangeiros que faziam tratamento no sanatório, dona Naninha se atrapalhava nas pronúncias dos nomes dos doentes chegando ao ponto de aporuguesá-los para a diversão da turma em ouvir tantos nomes estranhos. Além das cartas, instrumento de seu trabalho, a professora utilizava o método de soletração cantada com o livro de Felisberto de Carvalho seguido do de Erasmo Braga, com regras ortográficas, silabação, acentuação e o paleógrafo. O exame final se dava através da escrita de um texto com letra de médico. É o que conta a professora Graciosa em sua memória que também é a memória dos ex-alunos da professora Naninha.

Nesse contexto, os professores Osório Teles de Menezes, Crenilda, Osvaldo, Clotilde (Coló), Maria Amélia Borges de Souza Martins (Sinhá), Atanilha Luz Araújo, Solange Monteiro Palma, Maria José Lima da Rocha e tantos outros que engrossaram essa fileira estão registrados no livro de Memórias da professora Graciosa, mas também na lembrança de muitos ex-alunos.

Osório Teles de Menezes chegou em Carnaíba por intermédio de Leôncio Pinto, médico responsável pelo Sanatório com a missão de auxiliá-lo na parte administrativa do prédio. Atendia aos doentes com tuberculose, os que não necessitavam de internamento, aplicando-lhes injeção e para cada aplicação era cobrado um valor de três mil reis intramuscular e na veia o valor era superior. Não se sabe se era enfermeiro por profissão, ou, se a ocasião o fez. Além de atuar como enfermeiro, assim a comunidade o reconhecia, por ter uma caligrafia uniforme e legível, ser esclarecido e por não existir escola no Distrito, montou uma

classe de alfabetização, tornando-se conhecido na comunidade como mestre escola. A sua primeira turma foi formada na fazenda São Pedro, próxima à Carnaíba e, posteriormente, usava a sua residência como escola, na qual o critério de admissão era o interesse, reunindo assim alunos de todas as idades numa mesma sala. Para manter os alunos na escola, os pais pagavam uma pequena quantia por mês.

Nessa época, a renda em Carnaíba vinha das pequenas bodegas, da queima da pedra portuguesa para fazer a cal, queima de madeira nos “balões”, espécie de fornos subterrâneos para extrair o carvão a ser usado nas residências e principalmente para vender em Juazeiro, os mesmos eram transportados no trem. A criação de caprinos, ovinos e bovinos para a subsistência da família, doces e outras tantas iguarias, como também o lavar, engomar e passar roupas para quem tinha um certo poder aquisitivo e para os doentes tuberculosos eram meios de se ganhar algum dinheiro.

O professor Osório para alfabetizar as crianças, escrevia o alfabeto maiúsculo e minúsculo numa folha que os próprios alunos levavam de suas casas, tinham que cobrir à lápis as letras de forma que não rasgassem o papel. Ao não rasgar a folha contornando as letras, o aluno era promovido de grau, acreditava que a coordenação estava pronta. O próximo passo após a promoção era cobrir as letras com uma pena metálica molhada no tinteiro, o professor Osório em hipótese alguma deixava ser levada para casa para se evitar acidentes. O professor fazia uso da palmatória como instrumento de disciplina e nas contas da tabuada, mas além das contas, os alunos tinham que saber escrever bilhetes com letra impecável e dominar a leitura. A professora Terezinha Elvira foi aluna do professor e enfermeiro Osório Teles de Menezes.

Quanto a professora Clotilde, conhecida por dona Coló, era esposa de um funcionário da empresa Chemy de Ferr Leste Brasileiro, responsável pela construção e manutenção da linha férrea. Formou-se num colégio de freiras na capital baiana, foi professora na cidade de Senhor do Bonfim e com a transferência do marido para Carnaíba do Sertão, montou uma escola em sua casa. Ficou conhecida por ser muito educada e falar baixo. Os detalhes sobre as metodologias usadas em sala de aula acabaram se perdendo com o passar do tempo devido à falta de registro.

A professora Amélia Borges de Souza Martins, conhecida como dona Sinhá, nasceu em Remanso – BA, estudou em Salvador –BA e retornou para sua terra como professora pública. Após ficar viúva mudou-se para Juazeiro-BA onde se casou com Teodoro e deu aulas em algumas escolas da cidade.

Em Carnaíba, dona Sinhá levou sua vida profissional como professora, começou quando precisou acompanhar seu marido que tinha algumas terras no Distrito. Ela fez permuta com uma professora que fora designada para Carnaíba. No início, se deslocava de trem da escola para casa, até que seu marido construiu uma casa e uma escola em Carnaíba.

A escola tinha três cômodos, um equipado com mesa comprida e bancos, quadro para giz e a cadeira da professora, noutro uma mesa com bancos para os alunos exercitarem a escrita com pena molhada no tinteiro e no terceiro, um pote com canecos para os alunos saciarem a sede e que também servia para ensaios de peças teatrais, recitais de poesias e canto. Por gostar muito de plantas, fez uma horta no terreno da escola para usar nas aulas de ciências e que, nessas aulas, muitos alunos preferiam a enxada à pena molhada de tinta. Todos temiam a palmatória e as reguadas que eram dadas nas aulas de matemática naqueles que não soubessem ou por algum motivo não respondessem as contas corretamente ou aos que ajudassem dando a resposta no lugar do outro.

Para engrossar a fileira dos que colaboraram com a educação em Carnaíba, chegou a professora Atanília Luz Araújo, que era funcionária do Estado da Bahia. A sua estadia se deu por conta do seu marido que se encontrava acometido pela tuberculose e pelo clima favorável à recuperação da saúde dele. A escola da professora Atanília funcionava numa casa próxima a bodega do pai da professora Terezinha Elvira, que foi uma das alunas da classe multisseriada. Uma relação de livros era passada pela professora para que os pais providenciassem. Um deles era o de Educação Moral e Cívica que ensinava como se comportar em qualquer lugar, como tratar os mais velhos, os mestres, as autoridades, a importância dos símbolos nacionais e seus heróis e a cantar os hinos.

Como era costume, a metodologia era tradicional e repressiva. A palmatória era o instrumento também usado por ela para punir os que não aprendiam ou não se comportavam de forma adequada. Aos sábados, os alunos eram submetidos a

sabatina, para tanto, eram organizados em círculo para essa atividade e quem não acertasse a conta levava bolo do colega mais próximo que acertou.

Além de atividades coletivas, cada aluno deveria ter um pequeno quadro negro, feito de pedra preta e protegido por pedaços de madeira, em que cada um resolvia os cálculos passados pela professora, que após corrigi-los, eles lavavam para que pudessem utilizar nas próximas aulas. Os alunos que não acertavam as contas eram submetidos a sabatina e ficavam o dia inteiro de castigo, além de apanharem dos colegas só iam para casa à noite. Era comum a professora Atanília colocar os alunos que não conseguiam êxitos nas provas em pé, na calçada da escola e de costas para a rua com a prova colada nos ombros, com a nota em vermelho, para quem passasse pudesse vê-los deixando-os envergonhados pelo baixo desempenho. Alguns anos depois, a família da professora Atanília se mudou para o distrito de Massaroca.

Financiado com recursos do governo do estado da Bahia em 1950, foi entregue em Carnaíba o primeiro prédio escolar com uma sala de aula grande, pátio coberto e uma pequena casa para a professora. Houve a princípio um impasse quanto ao local de construção do prédio por parte dos moradores, pois o Distrito é composto, desde a sua gênese, por duas partes, uma alta e a outra baixa, havendo uma rivalidade histórica entre elas, e por isso o prédio Escolar foi construído entre as duas partes, no meio do Distrito, em frente as terras da antiga fazenda Recreio, rodeado de mata.

A professora Solange Monteiro Palma foi quem primeiro lecionou no prédio recém construído em uma turma multisseriada de trinta e cinco alunos. Eram frequentes as idas à cidade de Juazeiro-BA, a cada quinze dias, sempre nos finais de semana, para regressar no início da outra. No entanto, o seu regresso nunca se dava no primeiro dia feiral, os alunos a esperavam todos os dias na estação de trem da comunidade. Depois de alguns dias, retornava justificando ter adoecido, impossibilitando assim o retorno. Quando engravidou e os enjoos começaram, os alunos aguardavam a aula à tarde e antes de entrar na sala sempre pedia para uma aluna assumir a classe, tomando a leitura dos demais, chegando somente na hora de mandá-los embora no final da aula. A professora Solange Palma morreu ainda jovem deixando os filhos ainda pequenos.

Com a morte da professora Solange Palma, chegaram as professoras Maria Carvalho e Maria José Lima da Rocha. Maria Carvalho morou com a família Dias que foi responsável pela construção e manutenção da capela dedicada a Santa Teresinha do Menino Jesus, jovem freira que morreu aos vinte e quatro anos vítima de tuberculose e que fora entronizada pelos franceses Reginald e Bernard engenheiros da empresa Chemy de Ferr Leste Brasileiro. A professora dedicou-se aos cuidados da capela e morreu ainda jovem.

A professora Maria José Lima da Rocha formou-se em magistério no Educandário Nossa Senhora do Santíssimo Sacramento, Senhor do Bonfim-BA, e após aprovada em um concurso público, foi nomeada para Carnaíba do Sertão. Alugou uma casa próxima ao sanatório dos tuberculosos. A sala de aula era decorada com um grande mapa do Brasil e uma imagem de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro devidamente ornamentada. Como era muito religiosa, além de ensinar jogos na hora do recreio, avaliar a escrita e oralidade dos alunos, ensinava-os o catecismo, que acontecia aos sábados, a fim de prepará-los para a primeira comunhão, terceiro sacramento da Igreja Católica.

Esse primeiro prédio construído no meio do Distrito e longe das casas ficou durante muito tempo abandonado se tornando refúgio para andarilhos. Atualmente, foi reformado e ampliado tornando-se uma creche. Continua com o nome que lhe fora dado no ato de sua criação, mas com um acréscimo por ter se tornado creche, ficando Escola de Educação Infantil Amélia Martins de Souza Borges. Um outro prédio foi erguido por volta do ano de 1984 próximo a capela, e abrigou a turma da professora Terezinha Elvira quando transferiu-se da casa em que seu pai comprou com a finalidade de dar aula. Nesse prédio ela desempenhou o cargo de diretora da extensão do Colégio Paulo VI, com sede em Juazeiro, entre os anos de 1987 a 1993.

Com a municipalização de parte do ensino fundamental em Juazeiro, o prefeito Rivadávio Spínola Ramos, nascido e criado no Distrito de Carnaíba do Sertão, nomeou o prédio com o nome de sua irmã, que havia sido secretária de educação da cidade em anos anteriores, ficando a partir daí como Colégio Municipal de 1º e 2º graus Professora Graciosa Xavier Ramos Gomes. Sendo, que a professora Terezinha Elvira continuou na direção do colégio até o ano de 2006. Com a responsabilidade do ensino médio, a partir de 2005, o Estado da Bahia usa

uma parte do prédio como extensão do Colégio Estadual Democrático Professora Florentina Alves dos Santos – CODEFAS, ficando o município com o ensino fundamental - anos iniciais e finais.

Na rua dos Vermelhos, ou rua de Baixo, foi erguido um prédio que homenageia o professor Osório Teles de Menezes e, na rua de Cima, logo na entrada do Distrito, um outro prédio foi construído em homenagem ao senhor Pedro Dias, herdeiro de uma grande parte da antiga Fazenda Recreio e idealizador da construção da capela.

A professora Terezinha Elvira de Macêdo, madrinha de batismo de muitos habitantes desse lugar, é muito lembrada pelos ex-alunos e por seus pais, pela capacidade de alfabetizar e ensinar tão bem as quatro operações, sem falar na temida palmatória – instrumento de punição utilizado para “tomar” a tabuada – que usava especificamente nas aulas de matemática. Como diretora da extensão do Colégio Municipal Paulo VI e, depois, do Colégio Municipal Professora Graciosa Xavier Ramos Gomes ficou conhecida pela autenticidade em gerir a educação e seus problemas da época com muita maestria. O que se sabe da vida dessa profissional, é que ela se dedicou integralmente em prol da educação e que com “garras e dentes” hasteou a bandeira da educação como compromisso de vida.

Essa contextualização se fez necessária, por entender que a história de vida da professora Terezinha está entretecida nessas tantas outras histórias de Carnaíba do Sertão e de sua Educação, merecendo ser registrada em capítulos escritos na história deste lugar em que tanto se dedicou. Nesse sentido, além deste Relatório, o Vídeo Documentário foi produzido com o intuito de eternizar sua trajetória e seus percalços para se chegar a esse reconhecimento da comunidade. Vale lembrar que as narrativas de seus antigos alunos e colegas de trabalho, as quais viabilizaram esta produção, servirão em tempos vindouros como referencial para a educação das futuras gerações desta terra tão amada pela professora Terezinha.

3 UMA HISTÓRIA DE VIDA-FORMAÇÃO-PROFISSÃO TECIDA A VÁRIAS MÃOS

Aquilo que cada um se torna é atravessado pela presença de todos aqueles de que se recorda. (Pierre Dominicé)

A nossa história é tecida por muitas mãos que de uma forma ou de outra nos constituíram pela presença, ensinamentos, compartilhamentos, amizades, amores e desafetos que marcaram e marcam a vida como ela é. O carinho e admiração pela professora Terezinha, me fizeram bater a sua porta, casa essa em que nascera e que vive até hoje seus dias de aposentada com o sentimento de dever cumprido. A janela da sala sempre aberta e corriqueiramente, sua imagem lá está na mesma posição de sempre com seu inseparável livrinho de caça-palavras e palavras cruzadas.

Pois bem, vamos começar como ela mesma afirmou em nossas conversas, cara a cara, mesmo estando numa pandemia que ainda nos assola e nos distancia, é esse distanciamento que nos salvará enquanto a vacina não chega para todos. Ela vacinada e com todos os cuidados observados, cuidadosamente, e eu à espera da vacina, com muito cuidado e respeitando todos os protocolos recomendados pelas autoridades sanitárias, me permiti entrevistá-la a partir da sua autorização, munido de álcool, máscara, microfone e meu inseparável celular. As gravações, confesso que foram tensas pelo teor e rigor que serão cobrados, mas de uma leveza que a própria professora Terezinha proporcionou. A sua vida estava sendo desvelada, a sua memória foi revisitada, aliás, fazia quase um ano que ela se encontrava acamada, muito doente e que muito me preocupou, não somente pelo fato de ser a sua história objeto do meu TCC, mas por tudo que ela representa em Carnaíba do Sertão.

Como não foi possível localizar suas primeiras alunas, conversei com algumas ex-alunas que estudaram no salão que o próprio pai dela, Chico Latada, construíra, com o intuito de melhor organização e aprendizado para os futuros alunos, e que prontamente aceitaram contribuir com a biografia da professora Terezinha, fazendo questão que os seus nomes e algumas informações fossem registradas neste Relatório, assim como no Vídeo Documentário, a saber: Rosa Rebouças Ribeiro Fraga, 69 anos, nascida em 04 de dezembro de 1952; Terezinha Alves de Oliveira Duarte, 54 anos, nascida em 10 de setembro de 1966; Joelma de Carvalho Suares, 47 anos, nascida em 18 de junho de 1974; Maísa Medrado Dias dos Santos, 47 anos,

nascida em 03 de junho de 1974; assim como 2 ex-colegas de profissão e que hoje ainda mantêm um vínculo de amizade muito forte com ela, que são: Graciosa Xavier Ramos Gomes, 82 anos, nascida em 23 de abril de 1939 e Evilania Maria dos Santos Duarte, 57 anos, nascida em 05 de abril de 1964.

Então, após esse apanhado inicial e ouvir dela ao final da nossa conversa: “você viu a minha vida”, apresento, portanto, o que vi e ouvi, que viram, ouviram e experienciaram com a professora Terezinha.

3.1 As narrativas e a reconstrução de itinerários de vida e formação

Ao subir a ladeira dos cemitérios, passando em frente ao “cara branca”, como é chamado o cemitério velho por alguns moradores, inclusive por minha mãe, talvez por conta da terra calcária de coloração branca, chego à casa de Têca, minha professora e depois colega de trabalho que, por sinal, estudou com a professora Terezinha no final da década de 70, da 3ª à 5ª série, equivalentes aos dias hodiernos do 4º ao 6º ano.

Entre conversas e muitas risadas, Têca diz que havia uma expectativa muito grande em estudar com a professora Terezinha, pois desde as séries anteriores os alunos já eram informados de como eram as aulas e como deveriam se comportar nas aulas da referida professora, conhecida como exigente, dura e também por fazer uso da palmatória, que era um instrumento de punição. E por se sentir já grande, ou seja, por ter deixado de ser criança, pois quem estudava na Escola Estadual de Carnaíba já tinha passado da infância, Têca estava realizando um sonho, pois estava adolescente, virando mocinha e ia estudar com a professora Terezinha, considerada no mais alto grau da educação em Carnaíba, naquela época. E assim, Têca discorreu sobre o que a Professora Terezinha representa:

Ela é uma referência, eu acho que... eu tinha desde a minha infância um desejo muito grande de ser professora. Eu brincava de ser mãe e de ser professora, com carvão risquei muito as janelas, as portas, paredes dando aula, o que eu aprendia no Pedro Dias com minhas professoras eu passava pra os meus irmãos, as crianças vizinhas, então era uma coisa. Quando eu fui estudar com a professora Terezinha ali, sim, eu decidi que realmente era professora que eu queria ser. Quando Senhor Carlito me incumbiu de levar rosa pra professora ele sempre dizia que era uma maneira de adoçar a professora, e que toda a professora merecia ganhar alguma coisa. E aí no início eu vi que era uma chatice porque eu não entendia porque que eu tinha que dá flor pra alguém que me dava bolo, mas quando eu fui amadurecendo

eu fui percebendo que eu queria ser professora como a professora Terezinha, porque a professora Terezinha ela... a mãe, o pai diziam assim: “Em casa educo eu, na escola é a Senhora. O que a Senhora fizer...” Então tinha uma entrega, uma confiança muito grande. Pra você ter uma ideia, quem saísse de Carnaíba com a 4ª série primária, era tipo uma 8ª aqui na cidade, estava pronto, sabia as quatro operações, sabia ler, sabia interpretar sabe? Ela não tinha aulas muito minuciosas, até porque os recursos da época eram poucos [informação verbal].

No dia seguinte, desço a ladeira dos cemitérios e sigo rumo a ladeira da estação - monumento que ajudou a escrever a história de Carnaíba e que era o ponto de escoamento da produção da cal e geração de renda e de onde a população recorria para apanhar água doce para beber, cada um com sua lata num verdadeiro frenesi, entre brigas e gritos recebiam o líquido precioso ainda fumegante das torneiras dos vagões. Conta-se que tinha dias que latas voavam e de propósito para cessar a briga por água, o responsável pela distribuição mirava água quente nos brigões – onde logo em frente Rosa Rebouças me espera para um bate papo de fim de tarde.

Rosa considera os pais da professora Terezinha, seus avós, conviveu com a professora antes de ser aluna e revelou que essa era muito reservada e de poucas palavras. Mesmo convivendo na casa em que professora Terezinha morava, o primeiro dia de aula com a professora foi de muita apreensão, pois a sua exigência em sala de aula era conhecida por toda a comunidade, mas acreditava que somente ela poderia lhe ajudar a aprender. Quem estudou com ela em anos anteriores, acabava comentando com os que viriam a estudar. A palmatória era o assunto mais comentado, com certeza.

Foi na primeira metade da década de 60 que Rosa estudou com a professora Terezinha, mas ao concluir a 4ª série precisou se mudar para Salvador e chegando lá foi submetida às provas de admissão do Colégio Severino Vieira. As provas de admissão eram como se fossem as provas de vestibular nos anos atuais. Para sua felicidade conseguiu o 2º lugar concorrendo com mais de mil estudantes. A esse feito, Rosa muito emocionada dedica a sua inesquecível professora. Para conter a emoção um copo de suco me foi oferecido e que prontamente aceitei para me dar coragem na caminhada e refrescar o calor intenso.

Logo após esse encontro, rumo à rua do Bispo para a próxima conversa, preciso descer a ladeira da Estação, passar em frente à casa dos Latada, onde mora

a professora Terezinha e sigo em direção ao antigo Sanatório - hospital dos tubérculos na década de 1940 e que hoje funciona o Centro de Treinamento de Líderes da Diocese de Juazeiro - Bahia, sendo preservada a arquitetura da época – na rua ao lado do Centro é onde fica o endereço de Joelma de Carvalho, ex-aluna a ser entrevistada, que me recebe com seu sorriso contagiante, e logo me pergunta se pode falar da palmatória, sem comprometer o trabalho, o que eu repondo que fique à vontade. Conversa vai e conversa vem a entrevistada vai ficando à vontade e recorre as memórias das aulas da professora Terezinha. Perguntada sobre o primeiro dia de aula, responde que foi muito tenso pelo fato de ouvir as histórias dos outros alunos e acabou temendo a tal palmatória chamada também de “Maria Chiquinha”, que como instrumento punitivo, acabava sendo usado para qualquer ação não desejada pela professora.

Para Joelma, o que se ouvia antes de estudar com a professora Terezinha, acabava se diluindo com o passar do tempo, pois o medo e a apreensão iam dando lugar ao respeito e admiração. No entanto, no dia da sabatina, tudo voltava ao que era antes, o medo prevalecia. Conforme Joelma, o fato dela se preocupar tanto, ainda, com a escrita e a pronúncia das palavras, sempre de maneira corretas, é um legado que carrega das aulas da professora Terezinha. Mesmo tendo de ser submetida à sabatina e de algumas vezes levar “bolo”, não a fez detestar a matemática, pelo contrário, nos anos seguintes se tornou uma das suas disciplinas preferidas. A disciplina em tudo que faz na vida, tornou-se lema para Joelma e atribuiu a professora Terezinha, pois foi com ela que desenvolveu essa habilidade, daí o seu sincero depoimento:

Pra mim ela é um exemplo, aqui mesmo em minha comunidade, só que, quando fala da professora Terezinha, sempre fica lá em primeiro lugar, que realmente ela foi pra mim, uma professora 10. Então ela serviu de degrau para muita gente, inclusive para mim [informação verbal].

Caminhar se faz necessário, conforme já estava planejado, percorri as ruas de Carnaíba, ruas que conheço muito bem, inclusive cada morador e sua residência. Da rua do Bispo em direção à capela de Santa Teresinha do Menino Jesus, padroeira do Distrito, segui para entrevistar Maísa Dias, pessoa irreverente de gargalhada solta, que faz a limpeza da capela.

No trajeto, encontro como que numa moldura a professora Terezinha em sua janela a fazer palavras cruzadas nos seus inseparáveis livrinhos. Sigo em frente, e chegando à capela pergunto sobre o paradeiro da entrevistada, já que não a vi naquele ambiente. Em um outro espaço anexo à capela, ela me grita e as gargalhadas pediu para que eu a esperasse um pouco, enquanto terminava a limpeza do lugar.

Assim o fiz, esperei o tempo necessário para começar a nossa conversa. Rimos o bastante das histórias e cada vez mais pedia para lembrar de mais coisas. Maísa Medrado estudou a 4ª série com a professora Terezinha, e não muito diferente das outras entrevistadas, também ficou ansiosa ao saber que estudaria com a professora que muito exigia dos alunos e que além de ser muito séria, não dava moleza para os alunos. Se recorda das aulas em que fazia caligrafia, sua aula preferida, mas para ela matemática era a pior disciplina por ter que decorar as contas e no dia da sabatina era um verdadeiro sufoco por não responder as perguntas de maneira correta.

Maísa conta que mesmo com sua decepção ao levar bolos por não ter respondido de forma correta na sabatina, foi de grande valia o aprendizado que teve e que quando foi estudar a 5ª série no Colégio Graciosa Xavier Ramos Gomes chegou lá sabendo toda a tabuada. Muita risada entre uma conversa e outra, porém diante da câmera e por se tratar de um trabalho científico, a mulher risonha e espontânea deu lugar a timidez, chegando a ficar muito séria. A história do caderno de desenho e das meias improvisadas, nos fizeram parar durante muito tempo para rir. A história foi a seguinte, segundo palavras de Maísa:

A professora passou um desenho para casa, o meu caderno era novo, eu na empolgação comprei um caderno novo, lá em Domingão em Valdeca, tinha um mercadinho, aí cheguei com o caderno sem nome, e ela levou pra casa para corrigir os desenhos. No dia seguinte, ela foi chamando os alunos e dando os cadernos, quando chegou na minha vez: - De quem é esse caderno aqui sem nome? – Eu disse: - É meu. Ela botou o nome MEU. Isso me marcou até quando eu saí e deixei de estudar [informação verbal].

E para completar a seção gargalhada com Maísa, outra história de suas traquinagens com a professora Terezinha, que ela contou, quando perguntei se não tinha outras histórias que pudesse contar, ela veio com esta:

Ela exigia muito que os alunos viessem padronizados, né, de farda, de meia, sapato, ninguém entrava de havaianas, aí o que aconteceu, minha meia, nós éramos em seis, a gente não... era uma pegava da outra a outra da outra e terminava sumindo. Chegou a hora da aula da professora Terezinha eu

estudava a tarde, não achei minha meia, eu vim sem meia aí ela disse: - Eu vou abrir uma exceção você vai entrar, agora amanhã você não entra se você chegar sem meia. O que foi que eu fiz? Procurei novamente de novo a meia não achei, aí eu tinha um casaco preto, cortei as mangas botei dentro do pé e botei a meia, botei o sapato e simplesmente eu passei, a professora passou despercebida e participei da aula [informação verbal].

A riqueza de detalhes com que Maísa contou suas histórias com a professora Terezinha é que deu o tom hilário da história, confesso que quase não paramos de rir desses fatos.

Na semana seguinte, me pus a subir novamente a ladeira, não sem antes passar à frente da Capela, que fica mais ou menos a dez metros da Escola Graciosa Xavier Ramos Gomes, na qual a professora Terezinha deu aula antes mesmo de ser inaugurada oficialmente, sendo sua primeira diretora, cargo que desempenhou até meados da primeira década dos anos 2000. Por esse acesso, cheguei à estação e segui em direção à rua da Palha, que tem esse nome em razão das casas de taipa cobertas de palhas localizadas naquela região do Distrito, e que a partir do ano 2000, recebeu oficialmente o nome de Tomaz Spínola Ramos, pai do já citado ex-prefeito de Juazeiro, Rivadávio Espínola.

Logo no alto da rua se encontrava Evilania Maria a me esperar com um delicioso bolo de milho ainda quente. Como reza um adágio popular “primeiro a obrigação e depois a devoção”, me atentei à conversa para não perder o foco da entrevista, mas o cheiro de milho vindo da cozinha era tentador. Evilania Maria foi, além de aluna, colega de trabalho da professora Terezinha a partir do ano de 1990, quando assumiu a função de professora de Religião e que, com o passar do tempo, assumiu outras disciplinas.

Para oficializar documentalmente o Colégio Municipal Professora Graciosa, seria necessário além do cargo de diretora que era desempenhado pela professora Terezinha, o cargo também de vice direção, que Evilania assumiu, como também de secretária assumido pela professora Clarice Regina, que também fora sua aluna.

Para Evilania, trabalhar com a professora Terezinha foi muito gratificante e incrível, exatamente por ser exigente e cobrar muito dos funcionários, ao tempo em que se a pessoa não demonstrasse para ela que era confiável, seria insuportável trabalhar a seu lado, pois ela sabia nos mínimos detalhes todas as coisas que a escola dispunha, como material de secretaria e outras coisas. O profissionalismo e a

pontualidade da professora Terezinha, marcaram a vida profissional de Evilania e também sua dedicação total a educação. A forma de trabalhar com responsabilidade e empenho serviu de inspiração para ela, que ao assumir a gestão das escolas Osório Teles de Menezes, Professora Matilde Costa Medrado e Nossa Senhora das Grotas, a partir do ano de 2009 se espelhou nos exemplos daquela que lhe ensinou e com muita dedicação assumiu esse trabalho árduo de gerir parte de algumas escolas em que a professora Terezinha trabalhou como diretora.

Com algumas críticas feitas a sua gestão, pois se assemelhava a de Terezinha, Evilania enfatizou que preferiu se espelhar nela e gerir a educação com responsabilidade e exigência para melhores resultados na aprendizagem dos alunos é se assemelhar a Terezinha, nas suas palavras:

Prefiro Terezinha à outra pessoa [...] Na escola, como vice diretora, o que aprendi com Terezinha é incalculável, sua postura de gestora, pontualidade, responsabilidade, priorização da educação, conhecimento real do que é o trabalho de um professor, de um gestor, mesmo sabendo que naquela época a metodologia era tradicional [informação verbal].

Após uma enxurrada de muita informação e aprendizado, paramos para degustar o tão cheiroso bolo de milho, e a conversa continuou, agora as lembranças de Evilania eram de quando ela foi sua aluna:

Terezinha é minha ex-professora, e acho que tudo o que eu sei assim.... eu acho que todas as pessoas que estudaram com Terezinha, todos os ex-alunos que estudaram com Terezinha, na minha concepção, eles têm um nível de aprendizado diferenciado mais do que os que estudaram com outras professoras, a mentalidade que eu adquiri. [...] eu estudei aqui em Carnaíba do Sertão, aí logo em seguida fui estudar no Colégio Paulo VI, aí eu estudei da 5ª série até a 8ª série no Colégio Paulo VI. E quando eu cheguei lá no Colégio Paulo VI na 5ª série, primeiro ano, todas as coisas que os alunos da cidade estavam aprendendo ainda, eu já tinha aprendido tudo com Terezinha. E aí lá no Paulo VI, todo mundo ficava comentando: é a ex-aluna de Terezinha. Então, eu cheguei no Paulo VI como aluna do interior, que geralmente naquela época tinha os alunos do interior, era pra ser caipira, não saber nada e passei a ser destaque. – Quem é aquela menina? – É aluna de Terezinha. Então assim, graças ao trabalho dela como professora eu passei a ser referência [informação verbal].

De acordo com o cronograma estabelecido, da casa de Evilania no alto da rua Tomaz Spínola, ou rua da Palha, desci a rua e a próxima casa em que bati e chamei: - ô de casa, era na casa da professora Graciosa Xavier, casa esta que mantém a mesma arquitetura da época de sua construção, e se encontra bastante preservada, quase do mesmo jeito. Na sala, de frente para a televisão e bordando estava Graciosa

a me esperar. Uma mulher de muita história, que escreveu a história de sua gente, sua terra, seu povo, suas lutas e vitórias. Carnaíba está imortalizada no livro de memórias de Graciosa, que aborda todas as áreas: educação, economia, saúde, lazer, cultura e também a religiosidade do seu povo.

A professora Graciosa foi colega de “república” da professora Terezinha na época em que somente em Juazeiro se podia concluir os estudos ou fazer o curso normal para professor. No início, Graciosa estudava com bolsa de estudo no Colégio Dr. Edson Ribeiro e a professora Terezinha no Colégio Rui Barbosa. Tempos depois fizeram o Curso Pedagógico no Ginásio de Juazeiro e formaram-se juntas, sendo que a professora Terezinha retornou para Carnaíba e Graciosa foi convidada a dar aula em Juazeiro. Separadas pela distância das residências, unidas pela afetividade e amizade que mantiveram desde o tempo em que dividiam a casa para estudar.

Graciosa lembra da época de namoro em que a professora Terezinha a ajudava a driblar a insatisfação da família pelo namorado, dando cobertura nas saídas para o cinema, nos passeios. Ao sair de casa com a professora Terezinha, para a família, era somente com ela que Graciosa estava, mas não pensavam que essa era uma desculpa para se encontrar com o namorado, acobertado pela amiga. Pela amizade e por tê-la como irmã, deu sua filha caçula para ela batizar. Rimos muito pelo fato da professora Terezinha além de professora dedicada que sempre foi, também “acendeu vela” para Graciosa e Mário Gomes, seu esposo.

Mexer nas memórias é voltar ao passado, é viver tudo de novo, é estar de novo onde começamos a construir nossa trajetória. Falar da Professora Terezinha mexeu com os sentimentos da professora Graciosa, a todo instante parávamos para que ela respirasse fundo e prosseguisse falando das suas memórias, histórias sofridas, de gratidão e de reconhecimento. Nas nossas conversas foi se revelando o porquê da escolha da professora Terezinha, e a eterna gratidão que Graciosa tem por ela, que por muitas vezes marejavam os olhos. Lágrimas escorreram traduzindo um sentimento que não se pode mensurar. Elas falam por si só. Graciosa reconhecendo o trabalho da professora Terezinha diz:

Ela foi designada pra aqui como professora, viveu aqui o tempo inteiro, é, como professora e quando eu fui secretária de educação, não é, eu pedi para que colocasse ela como... como diretora do colégio, não é? Pelo... pelo... primeiro pela competência, não era pela amizade, pela competência. Ela sempre foi uma professora muito dedicada, como foi uma aluna muito dedicada, ela foi professora dedicada, responsável, não é, disciplinada e

soube dar disciplina. Quem passou por Terezinha, eu tenho certeza, aprendeu muito, não é? Não só aprendeu o saber, mas aprendeu o conviver, que é o respeito aos outros, respeito principalmente aos mais velhos, aos professores. Naquele tempo os alunos respeitavam os professores, amavam os professores, não é? Respeitavam, amavam os professores, isso tudo levado pela orientação de uma boa professora, não é? Feito com os pais, ela fez isso muito bem, por isso a gente achou por bem indicá-la como diretora da Escola Graciosa. Eu... me honra muito saber que a Escola que levou meu nome, leva meu nome, teve Terezinha como diretora. Se eu fosse alguém, levantava um busto... me emociona muito... de Terezinha na Escola Graciosa. Acho que quem merecia o nome da Escola era ela, porque ela foi quem ficou aqui toda a vida, se aposentou aqui, eu não ensinei aqui, que logo fui convidada, minha intensão era de vir para cá... [informação verbal].

Da casa de suas ex-alunas à casa de suas ex-colegas de profissão, sempre me deparei com a casa dos Latadas, e que ao ir e vir, a cumprimentava todas as vezes. Estou indo à casa de... oi professora.... Vou à casa de Graciosa... Evilania... Valdevi (pai de Joelma) ...Rosinha.... Enfim chegou o dia de sentar em frente a professora Terezinha e deleitar-me com suas histórias, ora engraçadas, ora tristes.... A forma como me recebeu em sua casa foi surpreendente. O tom de voz e a felicidade estampada em seu rosto, mesmo que por trás de uma máscara, era contagiante, e eu me senti abraçado com a sua alegria. Professora Terezinha abriu o livro de sua vida e folheou os registros da memória que ainda pode acessar. Aos poucos, as histórias tomaram corpo e ganharam vida novamente, por meio de uma narrativa emocionante, recheada de experiências de vida e formação que eu me esforcei para aqui parafrasear.

3.2 A (auto)biografia da Professora Terezinha Elvira de Macêdo

Terezinha Elvira de Macêdo, nasceu no dia 30 de abril do ano 1940, como era comum à época, seu nascimento foi na casa em que seus pais moravam, residência em que vive até os dias atuais, no segundo quarto. Os seus pais Francisco José de Macêdo e Elvira Maria da Silva, eram mais conhecidos na comunidade por Chico Latada e Dona Canária. Seu Francisco ao casar com dona Canária trouxe quatro filhos do primeiro casamento, Euvaldo, Eunice, Ir. Didi – tornou-se freira da Congregação das Irmãs de São Raimundo Nonato – e Zuca. Além dos quatro irmãos mais velhos, Professora Terezinha teve mais quatro irmãos: Maria Canária, Isaura, Valdemar e Geraldo. Esses três primeiros foram morar em São Paulo, mas sempre

retornavam para visitar a família e amigos. Maria voltou depois de um bom tempo de São Paulo, trabalhou no Centro de Treinamento Diocesano - antigo prédio do Sanatório dos Tuberculosos – e Geraldo, o menino dos castigos da professora Atanília, ajudava o pai na bodega, onde vendia farinha, sabão, arroz, fubá, toucinho, fumo de corda de Arapiraca. Quanto aos mais velhos, Euvaldo Macêdo foi comerciante bem sucedido na cidade de Juazeiro – BA, Eunice sempre se dedicou aos afazeres domésticos, Zuca trabalhou durante muito tempo em lojas e Didi, como era mais conhecida a mais nova, tornou-se freira.

Conforme narrativa da Professora Terezinha, nos idos dos anos de 1940, a economia em Carnaíba do Sertão girava em torno das caieiras, dos balões de carvão, da criação de caprinos, ovinos, bovinos e suínos, do corte de lenha, das lavadeiras de roupas, das fazendeiras de doces, biscoitos de tapioca, bolos de muitos sabores - vendidos na estação de trem - da venda de buchada de bode dentre outras iguarias e das pequenas bodegas onde se comprava arroz, feijão, açúcar, farinha e café nos punhados. Claro que nem todas as famílias dispunham de um pequeno rebanho, o máximo que conseguiam na venda de carvão, lenha e nas lavagens de roupas, compravam o necessário para alimentar a família. Antes de se casar com dona Canária, o pai da professora Terezinha era vaqueiro e após o casamento foi que montou sua bodega para manter a família que cresceu, e continuou cuidando do criatório de boi e de cabra. Essa era a renda da família. Ao lado da casa, construiu umas pequenas casas para alugar aos doentes de tuberculose, àqueles que não necessitavam de internação no Sanatório que ficava uns 100 metros de sua casa.

Infância e educação foram dois temas que logo me vieram a cabeça, pois é nessa fase em que vamos à escola estudar, aprender, ensinar, conhecer pessoas novas, nos decepcionar também. E como é comum a narrativa oral trazer as dificuldades que as famílias enfrentavam para educar seus filhos, perguntei sobre como foi sua infância, de que brincava, enfim, sobre brincadeiras e aprendizagens, o que a Professora respondeu:

Minha infância foi como toda a criança do interior, que não tinha muito recursos, a gente trabalhava, a gente brincava mesmo era com os cacos, era com ponta de bode, era com bostinha de cabra pra fazer feijão, fazer os guisados, era brincar de esconder, brinquei muito de pedra de gude com os meninos, dava muitas surras neles, corria, brinquei muito de se esconder, de amarelinha, de roda... de tudo quanto era de tranqueira a gente brincava, de galo, que é essa de pedrinha, de jogar pedrinhas, foi a minha infância. Nos dias de semana a gente ficava por aqui mesmo e quando era dia de domingo,

feriado, dia Santo, minha mãe morava na Veneza ou, minha vó morava na Veneza e a gente ia passar o dia lá, todo dia de domingo, semana dia de feriado ou dia Santo [informação verbal].

Segundo narrativa da professora Terezinha, boa parte dessas brincadeiras se deu também com seus amigos e amigas de rua. A infância no interior permite ser feliz com nada. E a Professora Terezinha narrou que não tinha nada além de chifre de bode e suas fezes, pedrinhas, bola de meia... coisas reaproveitadas que tinham um significado enorme, pois brincar com tudo aquilo era um verdadeiro pertencimento, que foi apreendido pelas suas palavras emocionadas: “meu chão, meu pedaço de terra, meus brinquedos, minha diversão, minha vida caatingueira” [informação verbal].

Ao ser interrogada sobre se tinha escola perto de sua casa. Ela respondeu que não, e que era distante, pois ficava na rua do comércio, quem conhece Carnaíba sabe. Sobre seu ingresso na escola ela respondeu:

Meu primeiro professor, foi o professor Osório Teles de Menezes. Ele dava aula... era só mesmo pra aprender o ABC. Além dele estudei com a professora Atanília no primeiro ano, mas não passei e repeti o primeiro ano. Depois quando foi em 1949, já estava com nove anos, minha irmã casou-se, seu primeiro casamento, e foi morar em Juazeiro, e aí meus pais acharam de me botar pra estudar em Juazeiro, eu fui pra estudar em 1950, fiz a segunda série lá no ginásio Dr. José Inácio da Silva, onde hoje é o Centro de Educação, ali na Rua da Apolo, fiz a segunda série, terceira... Quando foi na quarta série, que eu ia passar pra quinta, foi aberto o Colégio Rui Barbosa. Então fui convidada não fazer a quinta série e passar logo pra o ginásio que minhas médias eram boas, mas minha família não aceitou que eu saltasse um ano, que aí eu ia me prejudicar. Então foi por isso que eu não fui a primeira turma do Rui Barbosa. Depois, no ano seguinte, eu fiz a admissão, passei e concluí a oitava série no Rui Barbosa. Terminada a oitava série que era o primeiro grau, o segundo grau eu fui transferida para o Ginásio Juazeiro pra fazer o magistério, que só tinha no lá e em Petrolina. Como eu não tinha condição de estudar em colégio particular então fui estudar... ou, em outros cursos, fui fazer professora que eu não sabia nem o que era professora. Não tinha a mínima ideia da profissão de professora, mas assim mesmo eu fiz o intermediário, nesse tempo tinha, que era o primeiro, segundo e terceiro ano. Formei em 1960, no início de dezembro de 1960. Mais coisas? [Informação verbal].

Percebe-se, nesse relato, que para continuar os estudos, só longe de casa. Essa saída repentina das asas da mãe e do aconchego do lar, traz marcas muito fortes na vida de qualquer um. Na da professora Terezinha não foi diferente. Primeira casa em que foi abrigada foi da irmã Eunice, permanecendo alguns anos lá, mas devido a sua separação não foi possível continuar morando com ela. Tinha uma escolha a fazer, terminar os estudos morando na casa dos outros, ou voltar para casa sem concluí-los. A sua escolha não poderia ser diferente, preferiu continuar os

estudos, dessa vez na casa de Euvaldo Macêdo, seu irmão, que morava com sua esposa e a mãe dela. Só aguentou ficar um ano, dizia que a sogra e a esposa dele não gostavam que pessoas de fora morassem com elas, mesmo sendo, essa pessoa de fora, a cunhada. Pois bem, a peregrinação da professora Terezinha só estava no início. Seu pai, Chico Latada, contatou uma prima, chamada Lili de Zeca Barriga, que era comerciante e recém chegada em Juazeiro, vinda de São Paulo, ele pediu para que a filha ficasse em sua casa para concluir os estudos.

Infelizmente, os filhos de Lili de Zeca Barriga esvaziavam o caixa do estabelecimento comercial e colocavam a culpa na professora Terezinha, como ela era a única estranha na casa, acreditaram que ela tinha culpa no sumiço do dinheiro, o que provocou sua saída da casa da prima Lili como ladrona.

De lá, ela foi para a casa do senhor Lauro, muito amigo de Chico Latada, e lá passou um ano. O tratamento que lhe davam era diferente das últimas casas que havia passado, mas não demorou muito para ficar novamente sem teto. Os negócios duvidosos de quem lhe acolhera lhe tirou o teto, mas não acabou com sua vontade de continuar sua trajetória estudantil. Sabendo que Oséias comprara uma casa para a filha Marlene estudar, e lá Graciosa já estava, Chico Latada prontamente fez o pedido para que sua filha pudesse continuar seus estudos, o que foi aceito. Porém, faltando apenas mais um ano para terminar o Curso Normal, Marlene se forma e Terezinha mais uma vez fica sem saber para onde ir, pois a República do Sr. Oseias foi fechada. E agora? O que fazer? Para onde ir? Professora Terezinha terminou o Curso Normal na casa de uma comadre de seu pai, madrinha de uma de suas irmãs, dona Elísia funcionária dos Correios.

Como Carnaíba não dispunha de escolas, quem tinha uma renda que permitisse mandar para a cidade, assim o fazia. Muitos ficaram pelo caminho, por não dispor de dinheiro e muitas vezes por não acreditar que a educação pudesse proporcionar uma vida menos dolorida. Terezinha agarrou com “unhas e dentes” a oportunidade que tivera e mesmo com tanta dificuldade, a dor da saudade de casa, dos pais, da vida que levava na comunidade, foi ao encontro do mundo desconhecido da menina do interior. Sua trajetória educacional foi uma verdadeira romaria com algumas paradas no calvário. Depois de ouvir uma história tão triste, mas de superação, perguntei: Por que a senhora escolheu ser professora? O que ela respondeu:

Era a única profissão... era o único ensino que tinha em Juazeiro era ser professora. Então foi uma escolha obrigada, não foi de vontade de ser professora, foi sob pressão do tempo, da época, porque não tinha outra profissão e, não me queixo adorei ser professora, gostei muito dos meus alunos, teve uns muito danados, outros não, mas... rrsrrs [informação verbal].

Ser professora era uma das poucas opções em Juazeiro - BA na época em que a professora Terezinha estava prestes a se formar. Ajudar nas contas de casa e ter sua autonomia financeira, foi o que lhe fez aceitar ser professora. Desde que se formou retornou para seu lugar de origem para assumir a missão de educar seus conterrâneos, proporcionando uma educação com muita dedicação e empenho, conforme foi narrado por ela na nossa entrevista narrativa:

Quando eu voltei pra cá eu não tinha ainda sido nomeada, mas logo, logo eu fui nomeada, eu me formei em dezembro de 60, quando foi no início de abril, no dia 10 de abril eu tomei posse como professora do estado, para trabalhar na Escola Estadual de Carnaíba, tomei posse em Juazeiro e saiu no Diário Oficial, quer dizer, foram somente três meses, foi janeiro, fevereiro e março, no início de abril já saiu minha designação como professora efetiva através de Ana Oliveira que era Secretária, era vereadora ou era Deputada acho, nessa época, e então por intermédio dela eu me efetivei. E também o Secretário de Educação naquela época foi o nosso paraninfo e ele prometeu efetivar todas as alunas dessa época. Então já fui efetivada, nunca prestei concurso porque já fui nomeada efetivada, nunca fiz concurso, foi um presente que ele nos deu. A turma de 60 só quem não aceitou ser professora foi que depois quis fazer concurso, mas... quis ser professora, aliás. Então eu comecei com alfabetização, os primeiros alunos, eu não tinha onde ensinar, foi aqui na casa da minha... tinha uma mesa bem grande e então... eu saí matriculando e com dois dias depois eu já tava com alguns alunos aqui. Meus primeiros alunos aqui foram as filhas de Leonor, Mércia, foi a de Sr. Ramalho, Ramalhinho, que eu me recordo assim, e de outra eu não me recordo mais, só me recordo bem desses dois alunos aqui, começando as primeiras letras. Depois então, meu pai tinha um salão e aí foi equipado para eu ensinar, não mais a alfabetização, mas aí eu já passei para a terceira série, que já tinha outros professores também aqui que já ensinavam a segunda série, terceira, foi no tempo que a professora Veze apareceu por aqui, foi nessa época [informação oral].

A professora Terezinha sempre deu aula na Escola Estadual de Carnaíba, que teve início na sala de sua casa, depois seu pai construiu um pequeno salão que pudesse abrigar os alunos, que eram muitos e divididos em várias séries, e somente nos anos finais, já perto de sua aposentadoria, é que transferiu o local em que dava aula para o recém construído prédio escolar. O prédio que leva o nome da professora Graciosa Xavier e foi construído na gestão do prefeito Jorge Khoury e inaugurado oficialmente no dia 15 de agosto de 1986, funcionou durante algum tempo como

extensão do Colégio Municipal Paulo VI. Nessa época, Graciosa foi secretária de educação do município de Juazeiro.

Na nossa conversa não houve pausa, nem para recarregar o aparelho celular, beber água, ou por outro motivo. Foi intensa e gostosa a nossa conversa, um verdadeiro bate-papo. Muitas informações armazenadas na memória do celular, as quais me preocuparam em não perdê-las, mesmo assim meus olhos continuavam fitos na professora Terezinha. A cada pergunta feita, a resposta refletia a riqueza da memória dela, sempre lúcida, detalhista, experimentou de muita coisa nessa vida para se tornar professora, que nem era a sua intenção. Se permitiu ser professora, se permitiu experimentar e experimentou com maestria. Viveu a experiência de ser professora todos os dias, se dedicou somente a isso, ratificando as palavras de Larrosa Bondía (2002, p. 21) para quem “a experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca”. A experiência é feita de permissões, de escolhas, é preciso se despir de qualquer coisa que nos impeça de fazê-la. Na nossa conversa, perguntei sobre as experiências em sala de aula e a resposta não podia ser diferente:

Era um... era meio complicado, porque eu começava, eu ensinava salas diferentes, ensinava terceira, quarta e quinta séries. Tudo numa sala só. Aí eu dava exercício para um, mandava outro fazer trabalho, quer dizer era uma luta bem grande. E graças as Deus eu dava... eu dava conta do recado, todo mundo gostava de minhas aulas, quer dizer, era meio puxado, a experiência foi bem dura porque três salas diferentes, assuntos diferentes principalmente a terceira série que é uma mudança de segunda pra quarta, quer dizer uma sala intermediária, é bem difícil, mas dava conta, ensinava terceira, quarta e quinta série até 1974, foi 74? É, foi em 74, eu estava... foi isso, porque quando teve a reforma da educação aí eu já não mais ensinava a quinta série, já ensinava só a terceira e quarta série quando teve... quando eliminaram a quinta série primária, passou para o Colégio, então foi mais ou menos nessa faixa de 74 que eu deixei de ensinar a quinta série, mas fiquei com a terceira e quarta até 89 [informação verbal].

As classes multisseriadas, principalmente no interior dos municípios do Sertão do Nordeste, nas denominadas escolas rurais, são uma realidade, não que na cidade não exista uma ou outra, ou várias, mas no Campo elas se sobressaem devido a distância de uma comunidade para outra, ou por motivo de economia para o município. Estamos falando das décadas de 60, 70, 80 e os recursos quase que não chegavam às escolas, quer dizer a escola, de fato, não existia, a professora teria de arrumar um lugar para chamar de escola.

A professora Terezinha foi me permitindo fazer perguntas através de suas respostas autênticas e sem rodeios. A minha curiosidade em saber como que ela

dava aula, como os alunos se comportavam, se tinha merenda e o que merendavam, acabei perguntando como era a rotina dela na sala, o que de imediato foi respondido:

A rotina? Era, saía daqui umas quinze para as oito, pegava, botava os alunos na fila pra entrar, abria a escola né, botava... não tinha... botava na fila homens de um lado, mulher de outro, entrava rezava, a primeira coisa era rezar, depois fazia a chamada e aí passar... quer dizer, expor o assunto do dia para as explicações, passava exercício pra uns depois ia fazer com o outro e, era a rotina... era essa, tinha o intervalo também, o recreio, quando era época de merenda que vinha merenda, a merenda era feita aqui em casa, minha mãe era quem fazia a merenda eu ia buscar em Juazeiro, eles não vinham trazer, ela fazia a merenda, os meninos vinham buscar na hora do lanche, levava eu distribuía, eles merendavam, cada um levava a sua vasilha para comer, não tinha vasilha lá e, doze horas ia todo mundo pra casa [informação verbal].

Sobre a merenda escolar e o recreio, vale registrar aqui as lembranças de suas ex-alunas das deliciosas merendas que eram preparadas, inicialmente, por dona Canária, e depois por dona Rita que foi funcionária durante anos do Colégio Graciosa, sendo que no início essa merenda era feita em casa e todos os dias, quer dizer quando o Estado mandava entregar em Juazeiro, os alunos em dupla eram incumbidos de buscar.

Segundo Rosa, que foi aluna na primeira metade da década de 60, ela não usufruiu da merenda escolar, pois no tempo dela, cada um levava de casa o que tinha: cuscuz, rapadura... e no recreio ficavam sentados nas sombras das árvores. Brincavam de pular corda antes da aula, escondido da professora Terezinha. Ao avistarem de saída na porta de casa, tratavam de se recolher imediatamente. Agora, Têca que foi sua aluna a partir do ano de 1976, lembra muito bem da merenda de dona Canária, e dos recreios cheios de regras, assim foi narrado por ela:

A nossa merendeira era a mãe dela. Ela fazia a merenda em casa e tinha uma escala, no dia que era os caldeirões de mingau por exemplo, que era mais pesado, aí tinha escala pra poder vim de dois em dois pra levar o caldeirão. E Dona Canária fazia, pra mim, a melhor merenda do mundo! Até hoje continua sendo a de Dona Canária, muito gostosa mesmo! E recreio tinha, só... assim, que... assim como existia regras dentro da escola, existiam regras fora da escola. A gente não podia entrar em venda pra comprar nada, a gente não podia brincar correndo pela rua arrodando, nós tínhamos um espaço delimitado, a gente brincava em baixo de pé de algaroba, em frente à escola, a gente comprava... aos meninos do São Pedro, melado, pinha, no tempo de pinha era uma farra, mas ela não deixava por exemplo, a gente ir na venda do Senhor Oséias porque era venda, era um armazenzinho pequeno e tinha o sinuque, então tinha bebida e aí ela tinha medo que a gente entrasse no bar e pedir... na hora da escola a responsabilidade era dela, mas a gente brincava de corda, de trisca, de esconde-esconde, de chicotinho queimado, era um recreio saudável [informação verbal].

Para Joelma, a hora do recreio era a mais aguardada por causa das delícias que eram feitas e servidas por dona Rita, isso nos anos de 1985 e 1986, como: feijão preto com farinha, macarrão com sardinha - era a sua preferida. Uns minutos antes do horário da merenda, os alunos saíam para buscar o caldeirão na casa da merendeira. No dia de sua dupla, Joelma não ficava feliz. O fato é, que os colegas chamavam ela e seu companheiro de escala, de casal vinte, devido ao filme da época, isso não a deixava feliz. Um fato curioso e interessante da hora da merenda é que outros colegas poderiam ir também à casa da merendeira buscar a merenda, caso a dupla responsável precisasse de ajuda, esses jamais poderiam ajudá-los, corriam o risco de levar bolo.

Maísa Medrado lembrou do cuscuz e leite com bolacha que eram servidos na merenda. Mas, não se alongou nos detalhes. O certo é que findando a aula por volta do meio dia, os alunos eram liberados e a professora retornava para casa para almoçar e continuar no turno vespertino mais uma jornada de trabalho, no início com aulas de banca a um grupo de alunos que pagavam um valor equivalente a cinco reais, e que nem todos podiam pagar.

A Professora Terezinha destacou que naquela época, a Delegada de Ensino era Valdeci Aquino, que substituiu a professora Judith Leal Costa que havia se aposentado, levava a lista dos alunos para Juazeiro para a Delegacia de Ensino – hoje, NTE 10, Núcleo Territorial de Educação – e aí, o Estado começou a pagá-la 40 horas semanais, contudo, a Escola Santa Terezinha, na qual ela trabalhava à tarde continuava sendo particular, embora os alunos não precisassem mais pagar nada. Por isso, eu a interroguei sobre o seu funcionamento, se continuava sendo reforço e também como era o comportamento dos alunos em ambas as escolas, ao que ela respondeu:

Era um reforço mesmo, com meus próprios alunos próprios, quer dizer tinha o reforço para alunos de outras escolas, como tinha também alunos formando a minha sala mesmo. O comportamento era bom que eu controlava, agora tinha muitos terríveis, terríveis e brigavam, tinha uns sonolentos, principalmente quando tava nas três turmas, quando eu tava explicando de um, que eu passava tarefa pra o outro, que ele terminava, tinha uns que faziam rápido aí eles cochilavam um no braço do outro e tinha uns terríveis também, daqui mesmo eu via as brigas, tinha um aluno mesmo que era terrível, brigava de manhã, de tarde e de noite... eu não vou dizer o nome dele não. Ou você quer? Se você quiser que eu diga eu digo. Mas era todo dia era briga, daqui eu via a briga, quando chegava lá... Daqui dava pra ver a escola, dava. Que não tinha... não tinha essas casas aqui e o caminho era aqui direto, o caminho era por aqui da casa de Zezé, passava no oitão, o caminho era aqui. E daqui eu via e eles me viam também quando saíam

de lá. Eles ficavam me olhando, aí quando saíam ficavam mudos, quietos. Aí quando eu chegava lá “fulano brigou, brigou”, aí eu chamava a mãe... Toinho Miranda, aí depois tornou-se num Senhor, aí chamava a mãe... a mãe disse que não tinha jeito, eu disse tem, eu usava nesse tempo palmatória né, aí eu dizia: agora você... aí eu dava uns bolos nele, agora você, e se você brigar na rua de manhã, de tarde ou de noite que eu souber, vou lhe dá uma dúzia de bolo. O primeiro dia ele ainda brigou, aí eu disse: Vou lhe dá, não vou lhe dá uma dúzia não, só vou dá a metade, agora você... se você fizer de novo... eu sei que foi indo rapaz, não brigava de jeito nenhum, nem na escola, nem na rua, eu acho até... na rua, depois de homem nunca mais brigou, nunca que eu soube, mas era terrível [informação verbal].

Sobre a participação dos pais no acompanhamento da educação escolar dos filhos, e a presença deles na escola a resposta foi de que apenas alguns, porque na sua ampla maioria eles eram muito ausentes, aparecendo apenas quando eram chamados, no momento em que os alunos praticavam muita danação, porque eles eram muito danados. Na verdade, enquanto ela esteve à frente do Colégio, eles não eram presentes. Só quando precisava dar uma suspensão em razão de terem feito alguma coisa, é que os pais apreciam.

Quanto ao uso da palmatória tão lembrada por todas as entrevistadas, e sobre os que os pais achavam do seu uso, ou seja, dos bolos que seus filhos levavam, a Professora Terezinha afirmou com satisfação: “os pais achavam uma beleza, diziam que eu podia usar porque eles não estavam estudando. Ainda hoje eu tenho a palmatória, a palmatória foi minha vó que me deu quando eu me formei em 1961, pois nesse tempo usava palmatória, régua, palmatória” [informação verbal].

A minha curiosidade era saber em quais situações a palmatória era mais utilizada, e a resposta dela foi:

Eu usava assim pra castigo e também pra tabuada, ou pra quem... quem não fazia a tarefa também era. Eu passava tarefa pra casa e não faziam, então levava uns bolinhos, que no início eu deixava eles darem, mas depois eu notei que uns queriam proteger outros e outros aí é que... quando não gostavam aí pum! então aí eu deixei. Eu mesma dava [informação verbal].

Foram exatamente essas as lembranças de Têca, principalmente da relação palmatória com as aulas de matemática e o dia de sabatina, conforme a narrativa abaixo transcrita dos áudios gravados da entrevista dessa ex-aluna:

A primeira coisa que ela nos apresentava no dia de sabatina era abrir a gaveta e pegar “Maria Chiquinha”, então ali já deixava a gente... tinha que cruzar os braços, colocar os dedos pra cima, porque era pra gente não tocar sanfona, ela dizia, ou seja, não mexer os dedos contando. Então ela deixava a matemática uma disciplina um tanto assim, por conta disso. Então tinha a

pergunta relâmpago, era aquela perguntou respondeu, não tinha que pensar, tinha a que valia seis pontos porque dava um tempinho pra você pensar, mas se você errasse cada erro eram seis bolos e tinha a.... era relâmpago a de seis. E tinha uma que a gente tinha que saber indo e voltando, que foi a que ela me pegou, que eu lhe contei, no dia que eu levei 12 bolos que eu errei 9×7 e 7×9 . Eu nem ia dizer isso, agora já foi [informação verbal].

Maísa Medrado conta que no dia da sabatina ela saía perguntando de um por um quem tinha estudado a tabuada em casa, em seguida perguntava e quem não desse a resposta certa levava “bolo”, a sua reação era de tristeza, ficava magoada após ser submetida à palmatória. Conta isso com boca de riso. Já Joelma de Carvalho se lembra das sabatinas e da “Maria Chiquinha” que lhe tiravam o sossego e ainda conseguiu a faceta de levar dois “bolos”. Com as mãos cruzadas e posicionadas nos ombros de forma que a professora Terezinha visualizasse os dedos para que o aluno não pudesse contar, a pergunta era lançada e no mesmo instante deveria proceder com a resposta. A “Maria Chiquinha” sempre agia caso não desse a resposta corretamente e imediatamente. Levando somente “bolos” na 3ª série, na 4ª se orgulha de não ter sido alcançada pela palmatória.

Quanto a intensidade dos bolos, a Professora Terezinha considerava leve, porque segundo ela, era só mesmo para a pessoa sentir que estava sendo castigada, mas mesmo assim, ninguém gostava, só fazia puxar a mão. Aí aquele que puxava a mão, ela, a professora dizia: “Oh, se puxar leva outro, aí o nego não puxava mais não. Era só pra sentir que estava sendo castigado, pra fazer a tarefa direito. Quando nego, fazia ditado, quando nego errava, mandava fazer aquelas palavras dez vezes” [informação verbal]. E a professora Terezinha prossegue seu relato:

Diziam que eu era muito exigente, e eu não achava assim tão exigente não, tava cumprindo com a minha obrigação, quer dizer, o nego tinha que cumprir com o seu dever. Eu tava cumprindo com o meu de professora e ele também tinha que cumprir com o dele de aluno. Eu acho assim, mas eu não maltratava não. Eu ensinava português, matemática, ciências, história, geografia, religião no primário. Mas, gostava mesmo era de Matemática e Ciências, porque eu tinha mais facilidade de explicar. Já Língua Portuguesa, no dia das aulas de Português... tinha a leitura diária, se o nego não lesse direito, correto, tinha que ficar naquela mesma leitura. Enquanto ele não lesse corretamente não passava pra outra não. Na leitura tinha que respeitar o conteúdo, quer dizer, a pontuação... Pontuação as vezes eu relevava, agora as palavras era que eu não... não voltava não. - Errou, no outro dia tinha que ler a mesma... até... - Até... e também pra prestar bem atenção, pra ser pontual nas leituras, eu fazia... minha leitura continuada. O aluno tava lendo, o outro tinha que prestar atenção a leitura. Você tava lendo, aí eu chamava: Maria, aí ela tinha que continuar na mesma hora, não podia ficar esperando... quer dizer, tinha que... se ficasse esperando é porque ele não sabia onde tava [informação verbal].

O tema respeito foi bastante evidenciado na fala da Professora que sempre foi tratada de forma respeitosa por todos os alunos, bastando apenas ela falar para ser atendida, tanto dentro da escola como fora dela, no período em que esteve como professora e também como diretora escolar.

Quanto à sua aposentadoria, essa aconteceu pela rede estadual da Bahia, pois pela prefeitura o seu cargo de confiança e ela não se ocupou disso, apesar de saber depois que poderia ter sido aposentada também pela Prefeitura. Ela assumiu a direção do Colégio Graciosa até 2008, e depois ficou por uns dois anos na direção da Escola Tânia Amorim, de Antônio Amorim, nesse tempo ainda ficou responsável por parte da merenda do Colégio, apenas depois saiu completamente, para viver sua aposentadoria e segundo suas palavras: “eu fiquei só aqui sem fazer nada, só fazendo palavra cruzada, indo pra Juazeiro, cuidar de minha irmã Maria que adoeceu. E hoje eu tô aqui”.

A conversa foi fluindo de modo descontraído sobre vários temas: a permanência dos vínculos de amizade construídos ao longo da sua trajetória estudantil que ela afirmou que alguns continuam fortes, a exemplo da amiga e de Inês que, inclusive, foi professora aqui, em Carnaíba; as lembranças marcantes, e dentre essas ela destacou a morte do seu irmão Geraldo, evidenciando que as perdas de familiares e amigos foram e são as mais dolorosas. Destacando também o fato de ter saído como ladra da casa da prima, pois mesmo depois de desfeito o mal entendido, não houve pedido de desculpas, já que o filho mais velho era quem fazia a danação, pois segundo ela o livro foi aberto. Outra questão abordada foi sobre a escolha dela pela profissão professora, e se faria essa escolha novamente, caso pudesse voltar no tempo, a sua resposta foi a seguinte:

Se eu pudesse voltar no tempo eu escolheria ser professora, sim. Porque eu gostei muito, não, olha, eu escolheria se eu pudesse ter a mesma condição de ensino do passado, com essa condição de hoje eu não queria mais não. Porque hoje em dia aluno não respeita professor, quer dizer, professor não tem mais vez com o aluno, aluno é que tem... eu não sei o que é que tá havendo com os professores. Parece que os professores não tem mais aquela... aquela vontade de ensinar. Porque eu trabalhei esse tempo todo, não visando o dinheiro, o salário, porque salário era lá... lá em baixo. Eu pagava pra trabalhar, porque o estado não dava giz, o estado não dava nada, papel, nada. Aqui o Colégio também, tirei muito do meu bolso pra pagar a passagem de professor, de merenda, comprar merenda pra o colégio, quer dizer, eu paguei pra trabalhar. E voltava a ser professora se fosse nas mesmas condições do passado. Mas nessa atual, não. Apesar das dificuldades naquele tempo, não tinha nada. Livros os pais eram quem

compravam no início. Depois quando... quando o estado começou a dá umas carteiras já foi na reforma do ensino, já em setenta e tanto, eu já tinha mais de dez anos trabalhando [informação verbal].

Na verdade, a conversa sobre as condições de trabalho, de ensino e aprendizagem foi bastante longa, pois a Professora Terezinha lembrou desde os banquinhos e a mesa que o dela pai fez, assim como o quadro ‘véi’ que veio da DIREC, que antes era Delegacia Escolar, e também umas carteiras “véias”, que foram complementadas com os bancos. E assim, ela dividia as turmas, uma tinha a mesa com os bancos que o dela tinha feito e as carteiras duplas. Depois, já nos anos 70, o estado entregou trinta mesinhas de madeira, que depois ficaram na escolinha. Mas, além dessas ela mesma fez outra doação para Escolinha, de umas mesas que eram todas desmontadas, e que ela mandou montá-las do bolso, e quem fez tudo isso foi Seu Chiquinho Macêdo. Ele era carpinteiro, passou bem uma semana ou mais montando essas carteiras e mesas.

Ainda sobre a nova mobília, ela explicou que a mesa continuou, que para fazer as filas a divisão ficava melhor. A quinta série ficava só na mesa, porque eram poucos alunos quando ela ensinava a quinta série, eram quatro ou cinco alunos, inclusive, Clarice e Rosinha fizeram a quinta série, mesmo sem verba do estado porque não vinha material, já no final foi que veio caderno, lápis para serem distribuídos com os alunos, e depois vieram os livros do ginásio, inclusive, chegaram bolsas do estado pra eles.

Como professora primária, ela relatou que foi um sufoco, pois pagava para trabalhar, além do giz ela comprava até a merenda mesmo, porque só vinha o grosso, tipo leite, a massa para fazer sopa, vinha o bacalhau, o queijo, que no começo vinha muita merenda, e era bastante, mas depois foi esvaziando vindo muito pouco e depois a merenda passou a ser comprada em Juazeiro mesmo e enviada para as escolas.

Ao final da nossa conversa, na forma dessa entrevista narrativa, a Professora Terezinha afirmou emocionada: “você viu minha vida” [informação verbal]. Efetivamente, esse “viu a minha vida” é o resultado de todo meu trabalho que teve início no ano passado, em 2020, e que a pandemia acabou impossibilitando de realizá-lo. Quando digo resultado estou me referindo ao meu objetivo central de fazer ecoar nos quatro cantos a importância da vida-formação-profissão da professora Terezinha, sempre escrevo professora antes do nome dela, como um adjetivo

mesmo, todos em Carnaíba a tratam assim. Cresci ouvindo chamá-la de professora, o que de fato foi e isso lhe permitiu ser referenciada e reverenciada quando se trata de educação.

Como se fosse aberto um porta joias, a professora Terezinha rompeu o lacre de suas memórias e histórias de sua vida e com muita humildade e lucidez compartilhou experiências de como sobreviveu às tormentas que a tornaram mais forte e decidida. Ser professora foi sua única opção, fez dessa única e exclusiva opção, motivos para ser feliz. Terezinha foi em toda a sua história, somente Professora. Lembro-me de minha avó todos os dias falando que ao acordar as luzes da sala da Professora Terezinha as 04:00h. da matina já estavam acesas, sinal de que já se encontrava na mesa escrevendo.

Na conversa com suas ex-colegas de colégio, profissão e ex-alunas, a pergunta feita ao final da nossa entrevista narrativa foi: quem é Terezinha Macêdo? Para sua colega, a professora Têca, a resposta foi:

Então, quem foi a professora Terezinha pra mim? A minha inspiração, a minha referência pra ser educadora. Quem é a professora Terezinha hoje pra mim? Eu acho que o melhor que eu fui na escola eu devo a ela. É uma amiga, até hoje é a minha professora, tenho o maior prazer do mundo em dizer: Oi professora! Acho que Carnaíba inteira ainda chama ela de professora. E quando eu vejo meus ex-alunos, muitos já são pais, já com filhos, já chegando neto e ainda me chamar de professora, eu sinto muito isso porque foi uma conquista. A professora Terezinha pra mim é uma amiga querida é uma pessoa que... eu acho que Carnaíba ainda reconhece muito pouco, não tenho nada contra a professora Graciosa, mas eu acho que o nome do colégio daqui era muito mais digno que fosse Terezinha [informação verbal].

Outro depoimento emocionado que aqui registro, foi de Rosa, sobre o que a nossa querida Professora Terezinha representa para ela:

Pra mim, a professora Terezinha é uma pessoa que tem uma coisa muito grande em minha vida. Minhas filhas até hoje chamam ela de tia Terezinha e tomam a benção, a amizade é muito grande...pra educação ela foi a baluarte de Carnaíba, não vai ter ninguém igual a ela mais não, Carnaíba ficou marcada por uma Terezinha Elvira de Macêdo [informação verbal].

Já Maísa resumiu o seu carinho afirmando: “a professora Terezinha foi uma grande guerreira, foi uma das professoras mais respeitadas aqui em Carnaíba do Sertão” [informação verbal]. Outro depoimento carinhoso e sincero foi da amiga Graciosa:

[...] a missão dela foi ser professora, foi ter muitos filhos sem ter parido [...] Carnaíba tem o dever moral de responder com a gratidão à Terezinha, não é? [...] deixou um alicerce seguro para muita gente, né, ela é um alicerce para muitos que por aqui passaram, não é? Alicerce firme, seguro, onde a casa pode ser construída sem cair. Ela é esse alicerce. Carnaíba tem um débito com Terezinha, em fazer valer o trabalho que ela fez em Carnaíba que é um trabalho que não morre. Ela vai morrer, mas o trabalho dela é eterno. Ela conduziu bem o saber com responsabilidade, com autoridade, com competência, com segurança, com firmeza, dedicação. Se dedicou a isso a vida inteira, muita dedicação e deixou a vida inteira para fazer só isso, então ela merece essa gratidão especial [informação verbal].

Ao final, a pergunta foi: Professora Terezinha, quem é Terezinha Elvira Macêdo? “A Terezinha Macêdo? Eu acho que é a professora que deve ter marcado época aqui na Carnaíba, viu? Porque muita gente diz que eu fui a melhor professora aqui, não sei...eu não me acho a melhor professora, mas eles dizem, eu aceito, né? [informação verbal]. E assim, faço minhas as palavras de Dominicé (2014, p. 201): “cada narrativa é o reflexo da maneira como o caminho percorrido foi compreendido, a formação definida e o processo interpretado”.

O caminho percorrido foi longo e árduo, leve, suave, que me fez fazer uma viagem no tempo em que não vivi, abraçar pessoas que nunca abracei, falar com pessoas que nunca falei. Mas o caminhar me fez sentir, abraçar, falar... andei de trem, corri na bodega, brinquei com chifres de bode, bosta de cabra, até bola de gude. Subi e desci ladeiras, passei pelo oitão das casas... me fiz criança. Estudei com Osório, Atanília e tantos outros, senti o peso da palmatória porque não acertei a tabuada. Me fiz criança, senti medo, aprendi a ler e escrever, decorei a tabuada. A “Maria Chiquinha não me achou. Fui estudar fora, sofri, minha reputação foi manchada, fui ultrajada, saí como ladra, não fui bem vinda aos meus, fui recebida e despedida. Nesse vai e vem danando não desisti. Mudei, outra vez, outra vez...estudei, me formei. Venci. Sentei nos bancos feitos artesanalmente na cozinha, e lá era a escola. Pisei no chão do salão, me apertei aos demais, ouvi, li, ri, chorei...senti o sabor das merendas, do bacalhau com polenta. Me permiti, me despi. Me fiz professora, senti suas dores, alegrias e desgostos, o peso da responsabilidade, me mantive firme, não fracassei, não que fui proibida, a vida me treinou, me deu e tomou. Agarrei e não larguei mais. Me aposentei, trabalhei, trabalhei e trabalhei. Sempre fiz isso, somente isso e nisso me tornei. Também sou Professora Terezinha Elvira de Macêdo.

CONCLUSÃO

Este trabalho me permitiu adentrar portas que antes nunca havia entrado. Me fez pisar no chão da minha história e sentir as pegadas, ora ligeiras, ora arrastadas, pegadas de lutas, de dor e de esperança. Pegadas que construíram o meu lugar. Nessas mesmas pegadas subi e descí ladeira para registrar a história e a memória da sempre terna Professora Terezinha Elvira de Macêdo. Ao me permiti subir os batentes de sua porta e entrar nos cômodos da memória de sua história de vida-formação-profissão, com muito respeito e admiração, me pus a ouvir, somente ouvir. E nesse ouvir, estava eu lá em todas as cenas descritas com muita riqueza de detalhes, olhando sempre para o horizonte, como se aquela mesma cena em que eu me encontrava estivesse diante dos seus olhos como numa pintura, dessas que a gente pendura na sala principal da nossa casa. Era como se fosse a mais bela pintura, levando em conta o que Maurice Halbwachs diz que toda memória é seletiva. Quando escancaramos as portas da nossa vida, automaticamente portas de alguns cômodos são lacradas pela memória ou por vontade própria.

A biografia da professora Terezinha revela como a menina do interior conquistou e acabou marcando a vida da maioria da população, que com ela estudou no Distrito Carnaíba do Sertão. Na fala das entrevistadas, sejam de ex-alunas, ex-colegas e amigas, é perceptível a forma com que elas se referem a Professora Terezinha. Suas ex-alunas revelaram que antes de se tornarem alunas dela, as professoras da série anterior, chegavam ao ponto de ameaçá-las dizendo que elas iriam ver o que era estudar com Terezinha. A apreensão tomava conta das futuras alunas por causa também da “Maria Chiquinha” utilizada para dar “bolos” pelos erros na sabatina, pelo mau comportamento, sendo a palmatória um dos assuntos mais difíceis de ser abordado, pois elas achavam que esse fato tiraria toda a importância da vida profissional da professora Terezinha.

Cabe ressaltar, que a palmatória foi uma herança da congregação dos Lassalistas introduzida no ensino brasileiro desde o século XVII. Ao professor não era permitido o contato direto com o aluno, daí o motivo da palmatória ter um cabo comprido para que o repreendesse sem sequer tocá-lo (VIDAL, 2005, apud SANTANA, 2014). A “Maria Chiquinha” foi um presente dado pela avó materna da professora Terezinha quando ela se formou em 1960. Ela acredita que a avó já fizesse

uso dela antes mesmo de sua mãe nascer, para dar bolos em seus tios que eram mais velhos que ela, ou seja, a palmatória é centenária e guardada em cima do guarda-roupas, debaixo de uma mala. Perguntei se não tinha interesse de emoldurá-la para colocá-la na parede e me respondeu que tinha medo de algum aluno que não gostasse dela a roubasse e a jogasse fora.

Saindo do assunto palmatória, as alunas falaram do recreio, merenda ou da falta dela, as regras para buscar os caldeirões seja na casa da própria professora, feita por sua mãe, dona Canária, ou na casa da outra merendeira que a substituiu. As brincadeiras antes de fazer a fila para entrarem na sala, o lugar que cada um sentava desde o primeiro dia de aula até o último, a “gilete” que era usada para apontar os lápis, que ao cair era confiscada pela professora, a sabatina dos verbos, as aprendizagens, a dedicação da professora, a responsabilidade da diretora, a competência que a fez assumir o cargo de encarregada e em seguida de diretora, a mulher que se dedicou integralmente a profissão. Foi isso o que ouvi e registrei das falas de quem conviveu, experienciou, estudou, sentiu, sorriu, temeu, aprendeu e rememorou uma vida cheia de aprendizados.

Conhecida como mulher reservada, que fala pouco de suas experiências, permitiu que eu visse a sua vida, trajetórias, dificuldades e vitórias. A narrativa biográfica permite descobrir o que os professores sabem sobre o ensino, como o seu conhecimento é organizado e o que aprendem com esse mergulho na própria história (GARMS e SANTOS, 2014).

Na fala das alunas pude perceber quão dedicada a professora Terezinha era com suas aulas, na organização do espaço com pouco recurso didático na época, mas que a sua formação lhe deu base para lidar com os poucos recursos e ao mesmo tempo proporcionar aulas que pudessem enriquecer o aprendizado dos alunos. Com uma classe multisseriada, alunos de 3ª, 4ª e 5ª séries num mesmo espaço, ela se desdobrava para dar conta de muitos conteúdos, exercícios, tudo ao mesmo tempo, numa época em que a professora precisava manter a sua autoridade em sala de aula com todas as dificuldades apresentadas anteriormente.

A vida-formação-profissão da professora Terezinha está registrada com letras, áudio e vídeo, não somente na memória do povo de Carnaíba do Sertão. Este Relatório traz a sua (auto)biografia, ou seja, um registro escrito das memórias da

professora Terezinha e de suas alunas, colegas de trabalho e amiga e será um instrumento de pesquisa no que diz respeito à história da educação do Distrito Carnaíba do Sertão a partir desse recorte histórico. Da professora Aninha, nos primórdios da educação em Carnaíba, até a professora Terezinha, percebi que a mais lembrada, referenciada e reverenciada é esta que desde o ano de 2006 quando saiu de cena para gozar, de fato, sua aposentadoria, continua viva na memória e na boca do povo.

Este trabalho não está acabado. Acredito que os motivos pelos quais me fizeram pesquisar e eternizar em folhas de papel, imagens e áudios a história de vida da eterna professora, não foi minha de forma direta, mas me tornei seu aluno ao ouvir falar de sua trajetória e ao ouvi-la nas nossas conversas para a construção do meu Trabalho de Conclusão de Curso. Sem dúvidas, o meu memorial formativo terá novas páginas, com novos capítulos... novo jeito de pensar a vida, a formação e a minha profissão. A Professora Terezinha me fez olhar além da tela do que está representado, me fez sentir com o coração e abdicar de coisas que não são importantes, me fez me entregar ao que realmente faz meu coração bater mais forte.

As experiências vividas na construção do meu TCC me permitiram viver no tempo em que não vivi, caminhar por caminhos nunca trilhados, ver pessoas nunca antes vista e está em cada cena narrada, em cada episódio engraçado, as vezes sofrido. Sem dúvidas, (auto)biografar a professora Terezinha permitiu que, com ela, eu pudesse ver a sua vida e viver as sensações descritas num curto espaço de tempo, que para a memória foi como se durasse uma eternidade. Rememorar sua história de vida, sua formação e os anos em que atuou como professora e diretora do Colégio Graciosa Xavier, me ajudaram a entender e pensar minha história e como irei escrever os próximos capítulos da minha vida. A sua coragem de estudar na cidade e morar em casas de desconhecidos, em que muitas vezes não foi bem recebida, me fizeram entender a sua crença no poder que a educação tinha e tem na vida das pessoas, e assim, elas poderem mudar as suas realidades.

A história da educação em Carnaíba, de Coló a Terezinha, é escrita por mãos calejadas que davam o que tinham. Os recursos que dispunham, inicialmente, eram os envelopes de cartas que chegavam na agência dos correios, sendo a funcionária da agência também a professora que ensinava as crianças o que sabia. As cartas com remetentes de nomes estrangeiros, por conta da empresa que administrava a

linha férrea e no seu quadro de funcionários havia muitos estrangeiros, principalmente Portugal e França, era o ensino da professora, ler os nomes dos parentes dos funcionários, mesmo que de forma “aportuguesada”.

Os castigos aplicados aos alunos por não terem um bom rendimento ou até mesmo por não se comportarem como a professora queria são os fatos de outrora, que corriqueiramente acontece ainda no chão da escola em tempos hodiernos, mesmo que de outro modo, embora não deixem de ser castigos. Seja pela falta de recurso, seja por castigos mais modernos em que o corpo não sofra mais as dores do passado, em um caso ou noutro, são heranças da nossa história. A gente dá o que sabe, o que tem...

Logo, as memórias das ex-alunas, amiga e ex-colega de trabalho da professora Terezinha são cheias de muitos detalhes e robustas de emoção. Portanto, adentrar no oceano da nossa existência é ver o reflexo do que aprendemos, das emoções sentidas e contidas, das amizades feitas no caminho da casa da merendeira com os caldeirões de merenda nas mãos miúdas. Enfim, a farda surrada, porém limpa e passada, sem ela não se entrava. A professora dedicada, exigente, rude, as sabatinas decoradas, os bolos nas mãos pelos erros, a vida dura e sofrida de quem só tinha a escola de Terezinha para vencer a vida, Terezinha que aprendeu, deu, cobrou, indiscutivelmente fez sua história e, com isso, está eternizada na história de quem também a ajudou a escrever.

REFERÊNCIAS

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política**: ensaios sobre literatura e história da cultura. Obras escolhidas, volume I, 3. ed, São Paulo: Editora Brasiliense, 1987.

BERGAMASCHI, Maria Aparecida; ALMEIDA, Dóris Bittencourt. **Memoriais escolares e processos de iniciação à docência**. Educ. rev. [online]. vol.29, n.2, p.15-41, 2013.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade**: lembranças de velhos. São Paulo: Companhia das Letras. 1991.

BRITO, Talamira Taita Rodrigues. **O ciclo de vida profissional dos professores de Biologia da Universidade Federal de Uberlândia**: trajetórias, carreira e trabalho. 2011. 370 f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2011.

BUENO, B. O.; SOUSA, C. P. de; CATANI, D. B.; SOUZA, M. C. C. de. **Docência, memória e gênero: estudos alternativos sobre a formação de professores**. Psicologia USP, v. 4, n. 1-2, p. 299-318, 1993.

CARVALHAL, Fernanda Caroline de Almeida. **Luz, câmera, educação. O Instituto Nacional de Cinema Educativo e a formação da cultura áudio-imagética escolar**. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estácio de Sá. Rio de Janeiro, p. 311. 2008.

CHAUÍ, Marilena. **Convite à Filosofia**. Ed. Ática, São Paulo, 2000.

COGO, Rodrigo Silveira, NASSAR, Paulo. **A história e a memória na comunicação organizacional: um estudo da narrativa da experiência para atratividade dos públicos**. Rev. Inter. de Com. Midiática, Santa Maria, v.10, n.19, sem. 2011.

CUNHA, Maria Isabel. **Conta-me agora!: as narrativas como alternativas pedagógicas na pesquisa e no ensino**. Revista Faculdade de Educação, Jan./Dez. vol.23, n.1-2, 1997.

DELORY-MOMBERGER, Christine. **(Auto) biografia e educação: pesquisa e práticas de formação**. Educação em Revista, Belo Horizonte, v. 27, n. 1, p.1-7, abr. 2011.

DOMINICÉ, P. A biografia educativa instrumento de investigação para a educação de adultos. In: NÓVOA, Antônio; FINGER, M. (Orgs). **O método (auto) biográfico e a formação**. Natal, RN: EDUFRN, 2014.

DOMINICÉ, P. O processo de formação e alguns dos seus componentes relacionais. In: NÓVOA, Antônio; FINGER, M. (Orgs). **O método (auto) biográfico e a formação**. Natal, RN: EDUFRN, 2014.

DOMINICÉ, P. O que a vida lhes ensinou. In: NÓVOA, Antônio; FINGER, M. (Orgs). **O método (auto) biográfico e a formação**. Natal, RN: EDUFRN, 2014.

FERRAROTTI, F. Sobre a autonomia do método biográfico. In: NÓVOA, Antônio; FINGER, M. (Orgs). **O método (auto) biográfico e a formação**. Natal, RN: EDUFRN, 2014.

FINGER, M. As implicações socioepistemológicas do método biográfico. In: NÓVOA, Antônio; FINGER, M. (Orgs). **O método (auto) biográfico e a formação**. Natal, RN: EDUFRN, 2014.

GARMS, G. M. Z.; SANTOS, H. T. **Método autobiográfico e metodologia de narrativas: contribuições, especificidades e possibilidades para pesquisa e formação pessoal/profissional de professores**. São Paulo, UNESP, PROGRAD, 2014.

GOMES, Graciosa Xavier Ramos. **Uma trajetória em memória: minha terra, minha gente. Carnaíba do Sertão**, [s. n.], [s, d].

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. São Paulo: Editor Vértice, 1993.

JOSSO, M. C. Da formação do sujeito ao sujeito da formação. In: NÓVOA, Antônio; FINGER, M. (Orgs). **O método (auto) biográfico e a formação**. Natal, RN: EDUFRN, 2014.

JOVECHELOVITCH, Sandra & BAUER, Martin W. Entrevista Narrativa. In: BAUER, M. W. GASKELL, G. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**. Tradução: Pedrinho Guareschi. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

KENSKI, Vani. **Memória e ensino**. Cadernos de Pesquisa, São Paulo, n.90, p.45-51, ago. 1994.

MACEDO, Roberto Sidnei. **A etnopesquisa crítica e referencial**. Brasília: Liber Livro, 2000.

MELO, Cristina Teixeira Vieira de. **O documentário como gênero audiovisual**. Comum, v. 5, n. 1 e 2, p. 25-40, jan./dez. 2002.

NASSAR, Paulo. **Memória e esquecimento**. Revista Imprensa. São Paulo, n.222. p.40, abr. 2007.

NICHOLS, Bill. **Introdução ao documentário**. Tradução de Mônica Saddy Martins. Campinas, SP. Papirus, 2005.

NÓVOA, A. A formação tem que passar por aqui: as histórias de vida no Projeto Prosalus. In: NÓVOA, Antônio; FINGER, M. (Orgs). **O método (auto) biográfico e a formação**. Natal, RN: EDUFRN, 2014.

NÓVOA, Antonio Manuel Seixas de Sampaio da. A formação tem de passar por aqui: as histórias de vida no projeto Prosalus. *In*: NÓVOA, Antonio Manuel Seixas de Sampaio da; FINGER, Matthias (Orgs.) **O método (auto)biográfico e a formação**. Lisboa: Ministério da Saúde. Depart. dos Recursos Humanos da Saúde/Centro de Formação e Aperfeiçoamento Profissional, 1988a. p. 107-129.

NÓVOA, Antônio; FINGER, M. (Orgs.) **O método (auto) biográfico e a formação**. Natal, RN: EDUFRN, 2014.

PASSEGGI, Maria da Conceição, SOUZA, Elizeu Clementino de e VICENTINI, Paula Perin. **Entre a vida e a formação**: pesquisa (auto)biográfica, docência e profissionalização. Educação em Revista [online]. 2011, v. 27, n. 1 [Acessado 6 Junho 2021], pp. 369-386. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0102-46982011000100017>>. Epub 01 Jun 2011. ISSN 1982-6621. <https://doi.org/10.1590/S0102-46982011000100017>

PASSEGGI, Maria da Conceição; SOUZA, Elizeu Clementino de. **O movimento (Auto) Biográfico no Brasil**: esboço de suas configurações no campo educacional. Investigacion Cualitativa, v. 2, p. 6-26, 2017.

PÉREZ, Carmen Lúcia Vidal. **O lugar da memória e a memória do lugar na formação de professores**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

PINEAU, Gaston. As histórias de vida como artes formadoras da existência. *In*: SOUZA, Elizeu Clementino de; ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto (Org). **Tempos, narrativas e ficções**: a invenção de si. Porto Alegre: EDIPUCRS: EDUNEB, 2006. P. 41-59.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. (Trad.) FRANÇOIS, Alan et al. Campinas: Ed. Unicamp. 2007.

RUARO, Giovana Bigarella. **Sade**. TCC (Bacharelado em Comunicação Social) – Universidade Federal do Paraná. Curitiba, p. 45. 2007.

SANTANA, Ramon Ferreira. **A educação pela palmatória: os castigos utilizados como ferramentas pedagógicas no Brasil Império**. Educon, Aracaju, v. 08, n. 01, p. 1-9, set. 2014.

SOUZA, Elizeu Clementino de. **Pesquisa narrativa e escrita (auto)biográfica: interfaces metodológicas e formativas**. *In*: _____; ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto (Org). **Tempos, narrativas e ficções**: a invenção de si. Porto Alegre: EDIPUCRS: EDUNEB, 2006.

SOUZA, Elizeu Clementino. **A arte de contar e trocar experiências: reflexões metodológicas sobre história de vida em formação**. Revista Educação em Questão, Natal, v 25, n 11, p. 22-39, jan/abr. 2006.

VELHO, Gilberto. Memória, cultura e sociedade. *In*: LEIBING, Annette; BENNINGHOFF-LÜHL, Sibylle (Orgs.). **Devorando o tempo**: Brasil, o país sem memória. São Paulo: Mandarim, 2001. p.11.

Link do Vídeo Documentário: <https://youtu.be/bul5IKVUc1U>

APÊNDICE

Perguntas para a professora Terezinha Elvira de Macêdo

- 1 – Qual o seu nome, data de nascimento, em qual lugar nasceu, qual o nome dos seus pais, quantos irmãos teve, quais os seus nomes e profissões?
- 2 – Qual era a renda familiar, viviam de quê?
- 3 – Como foi a sua infância? De que brincava e com quem?
- 4 – Tinha escola perto de sua casa? Quem foi a sua primeira professora? Lembra o nome de outras e as séries?
- 5 – Em quais escolas estudou? Qual foi a última escola em que estudou? Qual a modalidade de ensino (normal/magistério)?
- 6 - Por qual motivo escolheu ser professora?
- 7 – Como foi o seu primeiro dia de aula? Qual foi a sensação, o sentimento, ao entrar numa sala de aula como professora?
- 8 – Trabalhou na Rede Municipal ou Estadual de ensino? Qual o vínculo (concurso, indicação...)?
- 9 – O que mais lhe marcou nos seus primeiros anos de sala de aula?
- 10 – Como era a sua rotina diária, trabalhava o dia inteiro, um turno? E as tarefas domésticas, como você as organizava?
- 11 – Como era o comportamento dos seus alunos, davam “trabalho”?
- 12 – Como lidava com a indisciplina dos alunos?
- 13 – Os pais eram presentes na escola, ou omissos quanto a educação dos filhos?
- 14 – Quais as disciplinas que você lecionava? Qual a que mais gostava de trabalhar?
- 15 – Como era a rotina escolar? Que horas os alunos entravam na sala de aula e qual o horário de saída?

- 16 – Tinha recreio? O que merendavam? Quem fazia?
- 17 – Como os alunos lhe tratavam?
- 18 – Como foi a sua vida de estudante, quais as dificuldades encontradas e o que lhe causava mais prazer?
- 19 – Quais cargos ocupou durante o período em que trabalhou na educação?
- 20 – Qual papel desempenhava ocupando esse (s) cargo (s)?
- 21 – Quais os desafios encontrados?
- 22 – Quando chegou o tempo em que poderia se aposentar, como se sentiu? Foi fácil ter que ficar somente em casa?
- 23 – Os vínculos de amizade construídos durante o tempo de estudante e quando exerceu a profissão de professora e outros cargos, ainda continuam?
- 24 – Qual fase da sua vida mais lhe marcou? O que lhe marcou?
- 25 – Se pudesse voltar ao tempo, escolheria ser professora de novo? Por quê?
- 26 – Qual o nome das escola em que lecionou e as que trabalhou?
- 27 – Qual o nome das escolas em que estudou?
- 28 – Quem é Terezinha Elvira de Macêdo?

Entrevista com ex-alunos

- 01 – Qual o seu nome, idade, data de nascimento e onde mora?
- 02 – Em qual série/ano estudou com a professora Terezinha Elvira de Macêdo?
- 03 – Como foi o seu primeiro dia de aula na turma da professora Terezinha?
- 04 – Qual disciplina gostava mais e em qual tinha mais dificuldades?
- 05 – Na sua escola tinha recreio? O que merendava?
- 06 – Qual o nome da escola em que estudava com a professora Terezinha?
- 07 – Como foi estudar com a professora Terezinha? O que você ouviu falar dela antes de ser aluno?
- 08 – Quais são as lembranças das aulas da professora Terezinha que poderia contar?

09 – O que mais lhe marcou enquanto era aluno da professora Terezinha?

10 – Quem é a professora Terezinha Elvira de Macêdo?

Entrevista com ex-colegas de profissão

01 - Qual o seu nome, idade, data de nascimento e onde mora?

02 – Qual vínculo tinha com a escola quando trabalhou com a professora Terezinha?

03 – Qual o nome da escola em que trabalhou com a professora Terezinha?

04 – Qual função/ cargo desempenhava quando trabalhou com a professora Terezinha?

05 – Como era trabalhar com a professora Terezinha?

06 – O que mais lhe marcou ao trabalhar com professora Terezinha?

07 – Quais são as lembranças do tempo em que trabalhou com a professora Terezinha?

08 – Quem é a professora Terezinha Elvira de Macêdo?



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Prezada,

Você está sendo convidada como voluntária a participar da pesquisa **Trajetórias e Marcas na educação de Carnaíba do Sertão: a história da professora Terezinha Elvira de Macêdo.**

Que tem como objetivo geral:

Registrar/descrever o percurso de vida-formação-profissão da professora Terezinha Elvira evidenciando o seu papel de educadora e sua contribuição para Educação do Distrito de Carnaíba do Sertão.

Justificativa da pesquisa:

A relevância está em biografar a professora Terezinha Elvira de Macêdo a partir das memórias e experiências vividas por ela e pelos seus ex-alunos.

Terá como metodologia a pesquisa biográfica a partir de narrativas e memórias das entrevistadas. Portanto, adotaremos o seguinte procedimento: entrevista semiestruturada que será gravada em áudio e vídeo e que em seguida será editada e transformada em um vídeo documentário.

RISCOS E BENEFÍCIOS, RESSARCIMENTO:

Para participar deste estudo você não terá nenhum custo, nem receberá qualquer vantagem financeira. Você será esclarecida sobre o estudo em qualquer aspecto que desejar e estará livre para participar ou recusar-se a participar. Poderá retirar seu consentimento ou interromper a participação a qualquer momento. A sua participação é voluntária e a recusa em participar não acarretará qualquer penalidade ou modificação na forma em que é atendida pelo pesquisador; que neste caso, sou eu, e irá tratar a sua identidade com padrões profissionais de sigilo. Os resultados da pesquisa estarão à sua disposição quando finalizada. Seu nome ou o material que indique sua participação **não será liberado sem a sua permissão**. E poderá adotar um nome de fantasia, se assim desejar.

Este estudo abrange vários instrumentos a seguir, marque os que você está dando consentimento (colocar somente o que vai utilizar):

- a) () Gravação de voz;
- b) () Filmagem;
- c) () Fotografia;
- d) () Anotações das narrativas (conversas);
- e) () Produção de um vídeo documentário.

Este termo de consentimento encontra-se impresso em duas vias, sendo que uma cópia será arquivada pela pesquisadora responsável, na Universidade do Estado da Bahia – UNEB e a outra será fornecida a você. Caso haja danos decorrentes dos riscos previstos, assumirei a responsabilidade pelos mesmos.

Eu,

_____,
portador do documento de Identidade _____ fui informada dos objetivos do estudo **“Trajetórias e marcas na educação em Carnaíba do Sertão: a história da professora Terezinha Elvira de Macêdo”**, de maneira clara e detalhada e esclareci minhas dúvidas. Sei que a qualquer momento poderei solicitar novas informações e modificar minha decisão de participar se assim o desejar. Declaro que concordo em participar desse estudo. Recebi uma cópia deste termo de consentimento livre e esclarecido e me foi dada à oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas.

Endereço: _____

Telefone para contato: _____

Assinatura: _____

Carnaíba do Sertão, Juazeiro - BA, _____ de _____ de 2021.

Anderson Dionisio dos Santos Neto

Licenciatura Plena em Pedagogia

andersondionisio17@gmail.com

(74) 98832-9430

Prof. Mestra Neuma de Sá Guedes

Orientadora